

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO

BRUNO SILVA CAMPOS

**MENINOS (NÃO) CHORAM:**  
**Retratos sobre homens, sensibilidade e seus corpos**

Produto Jornalístico

Mariana  
2019

BRUNO SILVA CAMPOS

**MENINOS (NÃO) CHORAM**  
**Retratos sobre homens, sensibilidade e seus corpos**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. MSc. André Luís Carvalho

Mariana  
2019

C198m Campos, Bruno Silva.  
Meninos (não) choram [manuscrito]: retratos sobre homens, sensibilidade e seus corpos / Bruno Silva Campos. - 2019.

60f.: il.: color.

Orientador: Prof. MSc. André Luís Carvalho.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.

1. Masculinidade - Teses. 2. Fotografia - Teses. 3. Corpo humano - Teses. 4. Comunicação - Teses. I. Carvalho, André Luís. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 77.044

Catálogo: [ficha.sisbin@ufop.edu.br](mailto:ficha.sisbin@ufop.edu.br)

Bruno Silva Campos

Curso de Jornalismo – UFOP

Meninos (não) choram

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Me. André Luís Carvalho

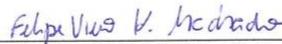
Banca Examinadora:



Prof. Me. André Luís Carvalho



Profa. Dra. Marta Regina Maia



Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado

Mariana, 10 de julho de 2019.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe Cleuza Rosa e ao meu pai Maurício Campos pelo apoio emocional e financeiro. O esforço conjunto de vocês permitiu que eu pudesse chegar aqui, concluindo o curso de jornalismo, um dos meus objetivos mais antigos. À Universidade Federal de Ouro Preto, uma universidade pública, com um ensino gratuito e de qualidade e que, mesmo em meio a tantos desfalques, existe, resiste e nos ensina a fazer o mesmo. Aos amigos e amigas que conquistei ao longo da minha vida, pessoas que nunca deixaram de estarem presentes mesmo com os quilômetros que nos separam. Ao Julio Mourão por todo carinho, compreensão e afeto. À Giuliana Terranova, seu talento para diagramação e destreza em tornar minhas ideias reais permitiu que o produto final superasse as minhas mais altas expectativas. Aos professores e professoras que tanto me instruíram ao longo da minha formação acadêmica. Ao orientador André Luís, muito mais que um professor, sempre vi em você um amigo ao qual pudesse recorrer nos mais distintos momentos. Por fim, mas não menos importante, aos modelos Fábio Augusto, Guilherme Furutani, João Vitor, Julio Mourão, Nils Dehning e Maurício Campos, que aceitaram participar do projeto e abraçaram a ideia do trabalho, entregando seus corpos e sentimentos frente à câmera. Mesmo antes das fotos, vocês foram e continuam sendo pessoas de extrema importância na minha vida e espero que estejam tão satisfeitos com o resultado quanto eu estou.

Temos apenas um recurso em relação à morte:  
Fazer arte antes dela.

*René Char*

## RESUMO

"Meninos (Não) Choram" é um trabalho que surge de uma inquietação pessoal do autor. O produto final, um fotolivro, é composto por uma série de fotografias de seis homens distintos e o relato pessoal de cada um sobre como se sentiram no ensaio. O objetivo é trabalhar questões a respeito do machismo, vulnerabilidade, do sensível masculino e da padronização da figura do homem e de seus corpos. Temas movidos, principalmente, pelo conceito de masculinidade hegemônica, uma masculinidade que limita e segrega os que dela não fazem parte. Neste trabalho busca-se tentar compreender quais são essas representações desse masculino junto aos demais, e por meio delas, levar a se pensar de que forma o machismo criado e disseminado pelos próprios homens os afeta sem mesmo que eles percebam.

**Palavras-chave:** masculinidade hegemônica; fotografia; corpo; comunicação.

## ABSTRACT

"Boys (Don't) Cry" is a work that comes from a personal concern of the author. The final product, a booklet, consists of a series of photographs of six distinct men and each one's personal account of how they felt in the essay. The objective is to work out questions about machismo, vulnerability, the masculine sensibility and the standardization of the figure of man and his bodies. Themes moved mainly by the concept of hegemonic masculinity, a masculinity that limits and segregates those who are not part of it. In this work, we try to understand what these representations of this masculine with others, and through them, lead us to think in what way the machismo created and disseminated by men themselves affects them without even perceiving them.

**Keywords:** hegemonic masculinity; photography; body; communication.

## LISTA DE ABREVIATURAS

<b>DNA</b>	<i>Deoxyribonucleic acid</i>
<b>LGBTQIA+</b>	Lésbicas, <i>gays</i> , bissexuais, transexuais e travestis, <i>queer</i> , intersexuais, assexuais e demais orientações
<b>3D</b>	Terceira dimensão
<b>UFOP</b>	Universidade Federal de Ouro Preto
<b>TCC</b>	Trabalho de conclusão de curso
<b>CIS</b>	Cisgênero

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> – <i>Screenshot</i> do <i>Instagram</i> do cantor Leo Santana .....	17
<b>FIGURA 2</b> – Foto tirada e publicada pelo fotógrafo Mastangelo em seu perfil .....	29
<b>FIGURA 3</b> – Foto tirada e publicada pelo fotógrafo Mastangelo em seu perfil .....	29
<b>FIGURA 4</b> – Julio em plano mais fechado com ênfase nos olhos lacrimejando .....	37
<b>FIGURA 5</b> – Plano detalhe das mãos e pé direito de Maurício .....	37
<b>FIGURA 6</b> – Plano mais fechado onde contraste evidencia marcas de expressão no rosto de Maurício .....	39
<b>FIGURA 7</b> – Nils em plano detalhe que apresenta um corte mais abrupto de imagem focando no olho .....	40
<b>FIGURA 8</b> – Página do fotolivro “Meninos (Não) Choram” com sobreposição de fotos de Guilherme .....	42

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2 MASCULINIDADE – SER HOMEM NO MUNDO</b> .....	11
<b>3 FOTOGRAFIA – SER HOMEM NO RETRATO</b> .....	21
<b>4 PRODUTO</b> .....	32
4.1 Modelos .....	33
4.2 Locação e vestimenta .....	34
4.3 Fotografias .....	35
4.4 Diagramação e escolhas editoriais .....	40
<b>5 DIÁRIOS DE CAMPO</b> .....	44
5.1 João Vítor Moreira .....	44
5.2 Nils Dehning .....	45
5.3 Maurício Campos .....	47
5.4 Guilherme Furutani .....	49
5.5 Julio Mourão .....	51
5.6 Fábio Augusto Carvalho .....	52
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	56
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	58

## 1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade patriarcal onde a figura do masculino é moldada para ser rígida, sistemática e sem muitas emoções em suas falas ou face. Um homem criado para o trabalho e para a perpetuação de suas vontades. Vontades estas, predefinidas e tidas como naturais e inerentes a sua escolha. Um homem feito para ser macho, como se toda e qualquer humanização lhe fosse vetada desde que fora concebido.

Uma sociedade onde o machismo, criado e disseminado por esses mesmos homens os afeta, mesmo que em uma escala um tanto quanto menor se comparado a como afeta as mulheres. Um homem que cresce aprendendo que sentimentos como amor, angústia, desespero, alegria excessiva ou mesmo demonstrações de afeto para com os que se tem certo apreço são características únicas e exclusivas do sexo feminino.

Fica imposto e exigido às mulheres o dever do sentir. São destinadas a elas as demonstrações dos cuidados com o outro, assim como boa parte do campo afetivo. O homem, para ser “homem de verdade”, perante as expectativas das pessoas ao seu redor, precisa ser um alicerce rígido e impenetrável. Todo e qualquer desvio desse comportamento é visto com maus olhos e julgado, seja pelo julgamento do outro ou pelo seu próprio, quando posto frente ao espelho.

Esse trabalho se propõe a tratar justamente destas questões. É movido por inquietações pessoais, que busco trabalhar por meio de um fotolivro, mostrando a representação desses homens em momentos de solidão e isolamento. “Meninos (Não) Choram”, nome que proponho a este produto, não pretende, de fato, trazer todas as respostas, mas levar quem o vê e lê a indagar-se sobre a representação deste masculino e sobre o discurso machista e patriarcal que nos é ensinado e imposto desde sempre. É um trabalho que se propõe a fazer pensar, afinal, toda mudança só se faz possível quando primeiro surge inquietação, o questionamento.

São fotografias de uma parcela de homens lidos socialmente como os pertencentes ao padrão heteronormativo, só que em momentos de intimidade. Fotografias que buscam levar quem estiver diante delas a questionar quais são os padrões com os quais cresceu e qual tipo de discurso essa pessoa está perpetuando. “Meninos (Não) Choram” quer ser um incômodo, uma inquietação. É a tentativa de uma ruptura com os paradigmas e os tabus sobre a sensibilidade masculina e o enfrentamento da normatização e da aceitação de discursos que inviabilizam o leque de noções do que é ser de fato homem, fora de um padrão do masculino hegemônico.

Homens em momentos de vulnerabilidade, de demonstrações de sentimento, de reflexão. Homens que, na intimidade de suas casas, resolvem despir-se dessas amarras e do véu da

heteronormatividade social com o qual são duramente cobertos todos os dias. Seminus não só para mim, enquanto outro homem ali presente, como também para minhas lentes e, principalmente, para si mesmos.

Meninos (Não) Choram propõe-se, através das imagens de seis fotografados, contar um pouco de seus dramas, medos e fragilidades. Além das imagens, uso seus depoimentos a respeito de como se sentiram, o que o ensaio representou e quais, caso existam, sentimentos foram acionados naquele momento. Parcialmente despídos de suas roupas, estes homens despem-se também das barreiras que lhes foram impostas ao longo de suas vidas e demonstram aqui, sentimentos pouco acessados por eles frente a outras pessoas. Convido você a fazer o mesmo e despir-se do que lhe prende antes de entrar em seus mundos. Feito isso, seja bem-vindo e bem-vinda. As páginas estão abertas.

## 2 MASCULINIDADE – SER HOMEM NO MUNDO

Engana-se quem acha que são destinadas apenas às mulheres regras de como elas devem ser, se portar e viver em sociedade. Por mais que o machismo seja, comprovadamente, muito mais agressivo com elas, os homens também são atingidos por essa mazela criada e perpetuada por eles mesmos. Um machismo que, de maneira resumida, pode ser apontado como um comportamento expressado através de opiniões e atitudes de um indivíduo que refuta a noção de igualdade de gênero. Este indivíduo, em suma maioria, homem, favorece e enaltece nos mais variados âmbitos, o gênero masculino em detrimento do feminino. No Brasil, segundo levantamento feito pelo portal G1, em 2018 foram registrados 1173 casos de feminicídio (quando mulheres são mortas por conta de condições de gênero) 728 registros a mais do que no ano de 2015 (445 casos registrados). Mais do que esperado, é elaborado para e exigido do homem que ele seja másculo. Um homem que apresente sua masculinidade à flor da pele. Uma masculinidade que esteja moldada no campo da heteronormatividade.

Por heteronormatividade, entende-se a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)(s)). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo 84 FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 20, n. 1/2, p. 81-94, jan./fev. 2010. inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais (FOSTER, 2001, p. 19)

Uma masculinidade que pode ser entendida como um conjunto de comportamentos geralmente atribuídos aos homens e obtidos por meio de uma construção social. Sendo assim, a masculinidade apresenta variações e mesmo sendo um conceito único, apresenta-se de maneiras diferentes a depender do contexto histórico e social ao qual o indivíduo está inserido.

O conceito de masculinidade é criticado por ter sido enquadrado no seio de uma concepção heteronormativa de gênero que essencializa a diferença macho-fêmea e ignora a diferença e a exclusão dentro das categorias de gênero. Ao conceito de masculinidade é atribuído o fato de esse permanecer logicamente numa dicotomização do sexo (biológico) versus gênero (cultural), dessa forma marginalizando ou naturalizando o corpo. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250)

Em seus estudos de gênero, em especial no "Masculinidade hegemônica: repensando o conceito", Connell, juntamente com Messerschmidt, traz essa masculinidade hegemônica como sendo a configuração de uma prática onde há, sobretudo, a legitimação da dominância de uma parcela restrita de homens. Essa dominância garante a subordinação não só das mulheres, como também de outras parcelas de homens que não configuram o estereótipo heteronormativo,

aquele tido como o macho dominante.

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem. Ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245)

Ensinam-nos desde pequenos a esconder e evitar demonstrações de sentimentos. Ensinações que são passadas de geração em geração, onde meninos aprendem que abraçar, beijar, chorar ou até mesmo deixar transparecer angústias e preocupações são características não condizentes com o comportamento dos homens, que quanto mais viris, melhor é para sua identidade masculina.

As justificativas para tais posicionamentos variam desde sentenças de que nenhuma mulher ou mesmo homem os irá aceitar se perceber que são sensíveis, até mesmo a posições mais fundamentalistas, onde se justifica esse tipo de ensinamento com argumentos de que é assim, porque sempre foi assim e não há motivos para mudar.

O fundamentalismo é uma tentativa de recuperar o não questionamento de uma tradição, normalmente visto como um retorno ao passado imaculado (real ou imaginário) da tradição. Dado o que foi proposto nos parágrafos anteriores<sup>1</sup>, essa visão é considerada ilusória. A condição imaculada não pode ser retomada e, por conseguinte, o projeto fundamentalista é inerentemente frágil. Ele deve ser continuamente defendido e escorado, o que, com frequência, é feito em tons de certeza agressiva. (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p. 57)

Pensemos então a masculinidade dentro desta ótica fundamentalista discutida por Berger e Zijderveld. O fundamentalismo impõe a ideia de que as coisas são naturalmente assim, de forma dogmática. É porque é e não carece de questionamento. É a afirmação de que não cabe dúvidas ou refutamentos. Para que haja a perpetuação dessa ideia é preciso que ocorra também um reforço constante deste conceito. A partir do momento que se faz necessário o reforço constante, pode-se entender que esta masculinidade fundamentalista é fraca. Logo, apresenta essa dualidade. Ao mesmo tempo em que esse másculo hegemônico busca a força e a própria afirmação sobre os demais, ele se fundamenta em uma teoria frágil, onde se a sua reafirmação não se der constantemente pode culminar em uma possível ruptura.

Essa fragilidade apresentada pelos autores transpassa o conceito trazido a respeito das bases fundamentalistas e aplica-se a outras situações comuns e cotidianas. É possível notar, por

---

<sup>1</sup>Nos parágrafos anteriores mencionados na citação, os autores apresentam o fundamentalismo como algo moderno em dois quesitos. No primeiro é apresentado como contemporâneo por ser algo relativamente novo. No segundo quesito, os autores trazem o fundamentalismo como um fato modernizador da sociedade, onde, por mais que se configure como uma ideologia não aberta a questionamentos, ele culmina para a discussão em outros âmbitos, como quando colocado em contraponto com o relativismo.

exemplo, um incômodo por parte de homens, aparentemente pertencentes a essa parcela da masculinidade hegemônica, que refutam qualquer expressão de vaidade, que se policiam em relação ao tipo de música que ouvem ou aos filmes que assistem até mesmo aqueles que se sentem inferiores ou “menos homens” quando suas companheiras ajudam nas despesas do lar ou quando uma mulher resolve dividir ou pagar, por exemplo, a conta de um restaurante.

Entender a aplicação dessa masculinidade hegemônica vai para muito além de entender apenas o conceito e a personalidade desses homens. É preciso entender também seus corpos. A construção midiática do que é, assim como o conceito, a imagem padrão. Imagine o Super Homem<sup>2</sup>, uma imagem de um homem forte, viril, protetor. Desde 1930, tornou-se referência como um ideal a ser alcançado. Em todas suas releituras e readaptações, uma coisa sempre permaneceu: o corpo torneado envolto por uma roupa justa, que evidenciava seus músculos. O Super Homem é mais do que o super-herói que aparece para salvar a personagem feminina retratada como indefesa, ele é o estereótipo do que a sociedade cria como o padrão do homem a ser seguido.

Não precisamos nos ater somente a personagens de outro planeta, como neste caso do Homem de Aço. Figura cinematográfica importante para o cinema estadunidense, como o Rambo, é um ótimo exemplo da hipervalorização do corpo para a construção da imagem de um homem másculo e viril. Rambo era um soldado veterano da Guerra do Vietnã, interpretado pelo ator Sylvester Stallone e que surgiu no cinema no ano de 1982. A construção da imagem desse personagem é pautada por sua força, habilidades militares e capacidade de dizimar o que o cinema coloca como sendo o inimigo. Há ali, através do jogo de câmera presente nas cenas, principalmente nas de conflito, valorizam os braços do Rambo, seja ao empunhar uma metralhadora como também nos combates físicos.

Entender estes corpos é entender uma construção que permeia décadas. Uma construção que evidencia o fisicamente forte como o másculo em detrimento de quem não segue essa padronização do corpo. Atribui aos personagens mais magros uma noção de frágil, do que carece de proteção, seja esse personagem um homem ou uma mulher. Em nenhuma produção cinematográfica de grande abrangência, temos a imagem desse herói, humano ou não, como indefeso ou franzino. Ele possui sim suas fraquezas, mas, em momento algum lhe é relativizada essa virilidade. Ele no máximo precisa de ajuda, mas quase nunca é retratado de maneira vulnerável o suficiente a ponto de não conseguir vencer o vilão sozinho.

---

<sup>2</sup> Super-herói fictício de histórias em quadrinho americanas, publicado pela *DC Comics*, Nascido no planeta de *Krypton*, é conhecido pelos seus super poderes, dentre eles, capacidade de voar e super força.

Não se nasce viril, torna-se viril: nenhum destino biológico, psíquico, econômico é capaz de definir a forma que assume dentro da sociedade o macho humano; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o homem e o super-homem que chamamos de viril. (BAUBÉROT, 2013, p. 189)

É através dessas construções midiáticas e sociais que os homens são formados. Como traz Baubérot na citação acima, a virilidade da figura do macho não nasce com ele. Não é algo que vem encravado em seu *DNA*, mas é moldada ao longo dos anos, através da sociedade na qual o menino cresce. Seu convívio familiar, os brinquedos que lhe são dados desde o nascimento, o consumo televisivo e cinematográfico, o convívio com outros garotos que possivelmente tiveram esses mesmos referenciais. Tudo isso se torna fator culminante na construção dessa imagem. Quase sempre, busca-se alcançar essa imagem do Super-Homem, do Rambo, do herói. Cabe ao “mais fraco”, dentro dos produtos midiáticos e, por consequência, na sua reprodução na sociedade, o papel do fracasso, do local onde ninguém quer estar.

É como se o homem, para ser homem, não pudesse apenas ser. Quem dera fosse tão simples nascer homem, seja psicológica ou biologicamente e, assim, crescer e se reconhecer. Não somente se reconhece homem, mas, principalmente, se constrói. Constrói esse ideal do masculino através de um manual passado de pai pra filho. Um manual que nos traz inúmeras regras e limita até onde a ação do másculo pode ir. Um manual onde a ideia de virilidade se equilibra sobre uma linha tênue entre o cuidado com esse corpo e o “não exagero” nesses mesmos cuidados.

O desejo de perfeição estética que assola o mundo masculino nada mais é que o prolongamento daquilo que já existe no universo feminino. Os objetivos masculinos relacionam-se com beleza e juventude, como ocorre com as mulheres. Vivemos um tempo de compulsões – comida, drogas, sexo –, e entre elas está o culto ao corpo. Há uma intolerância maior à feiúra feminina, mas isso está atingindo os homens e, talvez, com o tempo, a cobrança seja igual em relação aos dois sexos. (GHILARDI-LUCENA, 2012, p. 93).

O culto ao corpo tem sido ainda mais presente nos dias de hoje no cenário masculino. O homem contemporâneo tem transitado cada vez mais no universo da vaidade, um universo ainda, como explica Ghilardi, considerado majoritariamente feminino. Apesar da tentativa de refutação dessa vaidade, ou não explicitação excessiva, o homem também vem sofrendo com as cobranças estéticas da sociedade. Entretanto, assim como para os demais comportamentos, existem inúmeras regras veladas que muitos homens seguem.

Pode-se malhar, mas não todo tipo de exercício, afinal, pernas e glúteo quem exercita são mulheres. Deve-se fazer dieta, mas sem dispensar a cerveja com os amigos. Preferível que se tenha pelos e que, no máximo, os apare, mas melhor não dizer a ninguém. Depilação, não. Depilação, jamais. Se tiver barba então, melhor ainda. É preciso cuidar-se, mas não

excessivamente, correndo o risco de facilmente ser tido como se não fosse mais tão másculo. De um lado temos a busca pela vaidade, o anseio pela padronização estética, ou como a autora mesmo pontua, um desejo pela perfeição do físico. E, do outro lado, a premissa que nos é ensinada: o homem que investe nesta busca por razões que sejam diferentes a atrair a atenção de mulheres, ou de se destacar entre os seus iguais, não é “tão homem” assim.

Esse tipo de discurso nos é dito a todo o momento, mesmo que indiretamente. Primeiro nos moldamos pela figura paterna na maioria dos casos. Com certa idade e com a necessidade de um convívio social, nos moldamos em relação ao nosso grupo de amigos, grande parte das vezes, composto por outros homens que também foram ensinados pelos seus pais a seguirem aquele padrão. E esses pais, também ensinados assim. Isso se torna uma “bola de neve”, que vai engolindo a todos e criando em nós a normalidade, a naturalização deste ato de transmissão cultural. É como se estivesse tudo bem em ser como se é ensinado e que o ruim, na verdade, é criticar essa posição ou gerar dúvidas a respeito dela.

Trazendo a discussão para um campo mais próximo e palpável, menos teórico e mais prático sobre esses ensinamentos, cito uma conversa que tive há alguns anos com meu pai. Intrigado, o indaguei sobre o porquê, aos meus 11 anos, eu não podia usar acessórios como pulseiras, colares ou anéis. Alguns dos meus amigos usavam, eu também queria. Ouvi de resposta, em um tom severo, que tais acessórios eram “coisa de menina”, e nós homens, no máximo, usávamos relógio. Pois bem, na semana seguinte me foi dado um relógio. Um modelo a minha escolha, mas, ainda assim, não era o que eu queria. Eu queria usar uma pulseira. Hoje, anos depois, posso – e uso – minhas pulseiras, entretanto, nunca mais senti vontade de colocar um relógio no pulso. E meu pai, tendo acesso a novas informações e contextos, a que antes inclusive não tinha, hoje entende que pulseiras são tão de meninos quanto de meninas.

Passados os anos, percebo, hoje, que a resposta que recebi nada mais era do que um posicionamento não só adotado por ele, mas o único que ele conhecia. Um posicionamento que foi ensinado, onde meninos e meninas são colocados em caixas separadas. Um posicionamento em que objetos, cores, adereços, ganham genitálias e passam a ter identidade biológica e simbólica. Azul, homem. Rosa, mulher. É a reprodução de um discurso, uma vez que nunca se teve contato com outra fala que não fosse essa. Seria, para o meu pai, a negação daquilo que Baubérot traz como o viril. É atribuído intolerantemente sobre um objeto, tão simples quanto uma pulseira, o poder de minimizar ou mesmo de excluir a virilidade de um macho.

A masculinidade hegemônica coloca-se então como a masculinidade heteronormativa. Um conceito de exclusão, uma vez que, comparada a ela, todas as outras ideias e percepções do que se entende como ser masculino, tornam-se inferiores. Esse afastamento da masculinidade

hegemônica, dado de forma a se aproximar mais do que lemos socialmente como feminino, configura então uma noção de masculinidades subordinadas. As masculinidades subordinadas seriam então, masculinidades que apresentam características não tão radicais e, em alguns aspectos, trejeitos associados às mulheres. Como pontua Connell em seu argumento, essas masculinidades subordinadas se põem em conflito com a masculinidade hegemônica, mas nunca a ultrapassam. Seriam então, as masculinidades subordinadas, masculinidades que não se adequam ao padrão lido socialmente como o do macho em seu estado bruto.

Essa afirmação por parte da parcela hegemônica, de que as demais masculinidades não se configuram no mesmo espaço ou *status* que ela, gera fortes problemas de identidade e aceitação do próprio ser, quem se vê à margem dessa hegemonia. Para um menino que cresce ouvindo que o correto é se comportar da maneira Y, ao perceber que seu comportamento tende mais ao X, muitas vezes começará a se reprimir e a tentar, de todas as maneiras possíveis, repudiar, em si e nos outros, tudo o que foge às expectativas pré-estabelecidas, sua forma de agir em relação e de reagir ao mundo, suas expressões, seus trejeitos.

A ideia de uma masculinidade subordinada, igualmente, torna-se interessante, dando a ver que nem todos os homens colheriam os dividendos patriarcais da mesma maneira (CONNEL, 1995), tendo em vista que, sendo atravessada por múltiplos aspectos, nem todo homem ocuparia as mesmas posições. A subordinação de homens homossexuais a homens heterossexuais é empregada por Connell (2003) como o principal exemplo, uma vez que, de um ponto de vista da masculinidade hegemônica, aproximando-se da feminilidade, a homossexualidade masculina seria fortemente rechaçada. (KOLINSKI MACHADO, 2017, p. 29, 30).

Mesmo dentro da heterossexualidade, a confirmação do que é de fato ser homem e corresponder a esse padrão do viril, másculo e não afeminado, ainda é extremamente excludente. O modelo a ser seguido é apenas um. Independente da orientação sexual de outrem, se este, por sua vez, apresenta uma conduta destoante da citada ao longo deste capítulo, é automaticamente taxado como homossexual. O fundamentalismo da lógica da masculinidade hegemônica é tão prepotente em seu conceito que, sequer considera a possibilidade, mesmo que em meio a seus iguais (heterossexuais), de ser diverso, diferente, de outro modo.

Uma exclusão ainda maior ao homem pertencente à comunidade LGBTQIA+<sup>3</sup>, sempre generalizados como *gays* (termo esse que se refere ao homem homossexual), uma vez que os homens bissexuais, pansexuais e de outras orientações são, na maior parte do tempo,

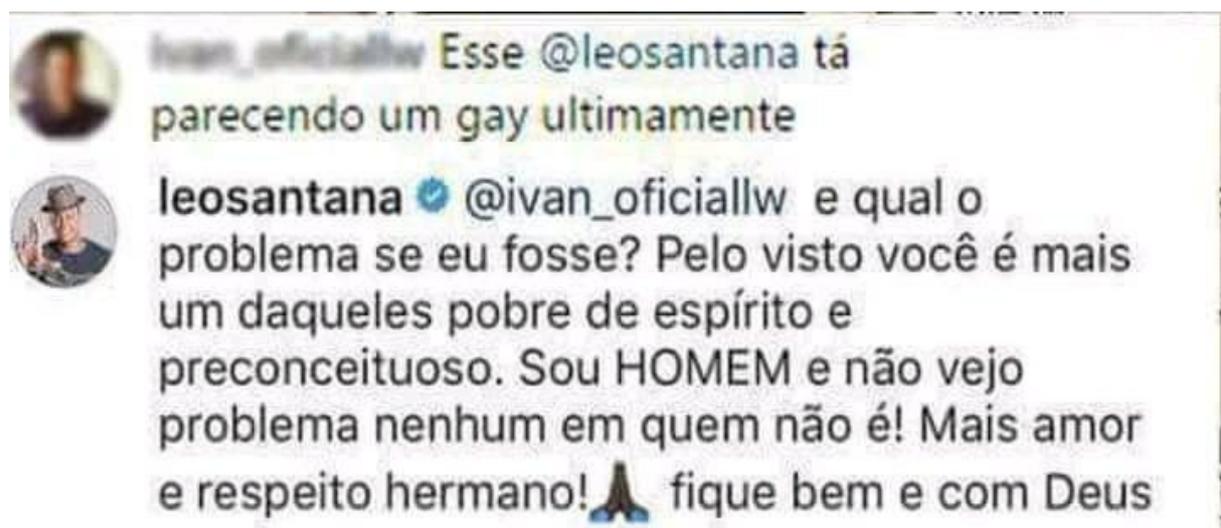
---

<sup>3</sup>LGBTQIA é a sigla para definir Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, *Queer* (atua com a ideia que abrange as pessoas de ambos os gêneros que possuem uma variedade de orientações, preferências e hábitos sexuais, ou seja, um termo neutro que possa ser utilizado por todos os adeptos desse movimento); Intersexo (pessoas em que a sua característica física não é expressa por características sexuais exclusivamente masculinas ou femininas) e assexual (pessoa que não possui atração sexual nem por homens e nem por mulheres ou que não possui orientação sexual definida).

invisibilizados e automaticamente postos nessa única, restritiva e preconceituosa caixa.

Detém então, para a masculinidade hegemônica, o rótulo de homem apenas o que, além das exigências de personalidade, corpos padronizados, comportamento, postura, dentre outros, cumpre também requisito de ser heterossexual.

Junto com a masculinidade hegemônica, é imposto a nós homens, uma série de comportamentos esperados, como já citado anteriormente. Pensar esses comportamentos e dogmas é também, sobretudo, entendê-los e entender a necessidade de que sejam contestados, desconstruídos. Apesar das tentativas, certas posturas, trejeitos e ensinamentos nos estão tão enraizados que, por vezes, acabam se tornando despercebidos em nossa fala. Dentre tantos possíveis casos a serem citados como exemplo, segue o do cantor e compositor baiano Leo Santana, escolhido devido a sua grande repercussão entre a parcela masculina pertencente à comunidade LGBTQIA+.



**Figura 1:** Screenshot do Instagram do cantor Leo Santana  
**Fonte:** Põe na Roda.

No dia oito de junho de 2018, o cantor baiano respondeu a um seguidor que insinuou que ele fosse homossexual. Em uma tentativa, aparentemente bem intencionada de defender a comunidade LGBTQIA+, acabou reproduzindo um discurso excludente onde diz não ter preconceito, mas que ele era homem, não vendo problema algum em quem não fosse.

É posto então a exemplificação de duas mazelas que podem ser notadas em nosso cotidiano. A primeira delas, o ataque de um homem a outro homem usando o termo *gay* de maneira pejorativa. Vemos um homem fazer uma insinuação em tom ofensivo a outro homem e mais do que isso, um ataque que tem como alvo a masculinidade do outro. É posto ali então a noção de que o outro não corresponde à ideia de masculinidade em que se acredita e quase como uma maneira de mostrar a respeito do que se entende, dentro dessa masculinidade hegemônica,

como sendo um “desvio de conduta” em relação ao modelo correto a ser seguido, usam então, o termo *gay* de maneira pejorativa, de modo a xingar e ofender esse outro homem quando o chamam assim.

O segundo problema que pode ser posto em discussão é a reprodução de um discurso preconceituoso, por conta de um machismo institucionalizado e como esse discurso tornou-se normal em nossa sociedade. Apesar da aparente boa intenção do cantor, claramente vemos o quão problemática se torna essa hegemonia de um conceito excludente. É tirar do homem, seja ele de qual orientação sexual for, o reconhecimento de si próprio como fazendo parte de uma ideia diversa do masculino. A noção de quem ele é para si e para o mundo. Ele então, ao existir e resistir fora da bolha da masculinidade hegemônica, automaticamente passa não a transitar, mas a transgredir. Torna-se ali então, um corpo estranho, não pertencente.

São então, para essa noção unilateral de masculinidade, apenas os que possuem o perfil do macho dominante heteronormativo, de fato homens. Seja por ensinamentos enraizados desde suas infâncias, em que o homem é associado ao viril, ou mesmo por, de fato se autoconvencerem do que esses homens postos como padrão costumam reproduzir: “Nós somos homens. Você, não é igual a nós, logo, não é homem como a gente”.

Há quem de fato não veja o outro como não sendo homem, mas acredita e adota de maneira discursiva, um posicionamento onde os que estão fora da redoma da masculinidade hegemônica (todos aqueles que não possuem os traços, comportamentos, posições do macho viril heteronormativo) são considerados homens, mas não tão homens quanto os que estão dentro do padrão.

Essas noções, quando aprendidas e ensinadas desde muito cedo, agem como inibidoras das identidades individuais. É plantar na cabeça de uma criança, que está se descobrindo e se entendendo enquanto ser social, a dúvida e a angústia de não corresponder àquilo que lhe é imposto, exigido e naturalmente devido. É fazer com que o adolescente, em uma tentativa de se encaixar em um grupo social dominante, esconda certos traços de sua personalidade, de seu comportamento, uma vez que passa a acreditar que aquilo que se configura como atípico para a sociedade é um erro que careça de correção.

Pensemos então à figura do homem cisgênero, que é o homem que se reconhece com o gênero que coincide biologicamente com o seu órgão sexual reprodutor masculino, o pênis. Pensemos agora esse homem como, além de cisgênero, também *gay*. Sua masculinidade, sob o olhar da masculinidade hegemônica, é por excelência uma masculinidade subordinada, na melhor das hipóteses e, para a parcela de homens pertencentes ao hegemônico, é uma masculinidade inferior ou uma não masculinidade. Estes mesmos homens pertencentes ao

padrão, ao inferiorizarem a masculinidade desse homem *gay*, o colocam em um lugar onde ele não se vê inserido em nenhum grupo específico.

Ele não se reconhece como mulher, mas também não é visto pelo grupo hegemônico como sendo, de fato, um homem que é parte desse todo. Assim como os homens que configuram a parcela do macho hegemônico, esse homem *gay* também possui o órgão genital reprodutor masculino e se reconhece com ele. Neste aspecto em questão, tanto ele quanto esses homens são iguais. Porém, ao analisarmos a disparidade na orientação sexual, o homem *gay*, tido como diferente, tem sua masculinidade inferiorizada ou negada, mesmo se reconhecendo e se reafirmando como homem.

Agora tragamos para a discussão a figura da mulher transgênero, que é a pessoa que se identifica como pertencente ao gênero feminino, mesmo que, ao nascer, tenha sido designada ao gênero masculino. Para a mesma parcela hegemônica que nega ao homem *gay* seu lugar dentro do conceito da masculinidade, essa mulher, ao nascer com um órgão genital reprodutor masculino, é considerada um homem. Ela não se reconhece como tal, não reivindica estar inserida na fatia do que é masculino, mas, aos olhos da masculinidade hegemônica, ela também é um homem inferior.

Mais uma vez, a masculinidade heteronormativa hegemônica se contradiz. Aqui, ela não é só excludente como também, cruelmente inclusiva, só que de uma maneira totalmente autoritária, perversa e que nega o auto-reconhecimento de cada ser humano.

A heteronormatividade compulsória tira o direito das pessoas sobre seus próprios corpos e suas expressões de sexualidade. Exclui, por fim, a ideia de que o ser humano é livre para ser da maneira como se percebe, se sente, se expressa. Imputa no caso das mulheres transgênero masculinidade a uma pessoa que claramente não enxerga, percebe, quer aquilo para si, por não se reconhecer daquela maneira. Ao mesmo tempo em que dilacera e amputa a masculinidade de um homem *gay*, que durante toda uma vida precisa se reforçar, dia após dia, como figura masculina. A contradição e o juízo de valor sobre quem possui ou não merece essa masculinidade serve, sobretudo, para ferir.

É preciso compreender a masculinidade não como algo quadrado, fixo, sólido, fechado, intolerante, excludente. É preciso vê-la, sobretudo, como uma pluralidade. É preciso ter a noção de que sua construção se dá por meio das variáveis que a atravessam. Cada homem construirá a sua pautada em suas identidades, expressões, vivências, convívios e experiências. Há fatores pessoais próprios de cada um que, no fim, culminam nessa construção.

Outro ponto a ser contestado sobre essa noção da masculinidade hegemônica é a ideia de que, depois de formada, ela seja imutável. A masculinidade na verdade não é um conceito

único e fechado que se aplica a todos os homens de maneira igual. Podemos considerar que ela é o atravessamento deste homem no contexto de sua vida e no mundo social com que se relaciona. Um atravessamento de suas percepções, práticas e leituras de si e dos outros, para só então ter essa construção do seu próprio eu melhor estabelecida, enquanto figura masculina. Seria, então, a masculinidade uma composição de fatores e não o resultado de uma só determinante.

### 3 FOTOGRAFIA – SER HOMEM NO RETRATO

Em seu livro “Imagem Fotográfica”, logo na introdução, o autor Flávio Shimoda leva quem o lê a questionar-se sobre a quantidade de fotografias que foram vistas só no dia de hoje. Aponta que boa parte das pessoas não pensa sobre isso e que se parassem para pensar, perceberiam o quão imersa em uma produção e reprodução de imagens fotográficas a nossa sociedade está.

Não há como se esquivar na atualidade do hábito de ser fotografado, fotografar e ver fotografias. Hábito esse que, de tão constante, torna-se banal e inconsciente, alienando os indivíduos de um pensamento crítico sobre a mediação da realidade pelas imagens fotográficas, e os condicionando a uma cultura centrada na informação visual. (SHIMODA, 2009, p. 09)

De maneira geral e transitando pelo lugar de fala do senso comum, o ato de fotografar, de se fotografar ou mesmo ser fotografado acaba, geralmente, sendo um ato inocente. Entretanto, pensar essa alienação de um pensamento crítico das pessoas sobre a realidade da imagem produzida que o autor traz, é pensar em uma imagem que, quando usada de maneira errada, fora de contexto ou mesmo passada pelas devidas alterações em um pós-tratamento, pode trazer ali uma problemática em relação a sua veracidade ou mesmo a interpretação que ela pode causar, principalmente quando aliada a um texto de apoio tendencioso.

Em relação a essa produção e difusão massiva de imagens, muito podemos “responsabilizar”, por assim se dizer, o aumento significativo da relevância das redes sociais, o maior acesso da população a dispositivos móveis com câmeras fotográficas e especialmente suas formas de apropriação destas plataformas e do meio de expressão. Basta um rolar de dedos sobre a tela de um celular, na página inicial do *Instagram* (rede social voltada para o compartilhamento de fotos e vídeos), que nos deparamos com as mais diversas produções fotográficas. Em grande maioria, as *selfies* (fotos que as pessoas tiram delas mesmas) parecem ser as mais recorrentes, não ficando tão distantes das fotos de comidas nem mesmo de viagens.

Entender a fotografia é também entender muito além do que se produz, mas o processo pelo qual ela acontece. “O célebre professor de fotografia Michael Langford, da britânica *Royal College of Art*, definiu a prática fotográfica, na sua obra intitulada *Fotografia básica*, como um conjunto de ciência prática, imaginação, habilidade técnica e capacidade organizativa” (SHIMODA, 2009, p. 19).

Pensar a fotografia então é pensar o conjunto entre máquina, objeto e fotógrafo. Muito mais do que o apertar de um botão, ela é uma junção de uma subjetividade, de um objetivo, do objeto e do sujeito. De uma maneira mais dissecada, seria dizer que a fotografia é a combinação entre o indivíduo que fotografa, o que ele pretende ao fotografar, o objeto que ele escolheu e o

que o levou a escolher esse objeto.

A palavra fotografia, como traz Shimoda, advém de dois termos gregos: luz (foto) e escrita (grafia). Logo, o termo fotografia significa, literalmente, escrever com a luz. Compreender a epistemologia da palavra é um início necessário para se compreender a tecnicidade presente na captação e reprodução das imagens. Shimoda aponta que o primeiro registro que se tem do uso do termo ‘fotografia’ voltado para essa gravação utilizando luz, aconteceu aqui no Brasil, no ano de 1830. Segundo o autor, um imigrante francês chamado Hércules Florence, na cidade de Campinas (cidade do interior do estado de São Paulo), usou do termo para, como pontua em sua obra, definir um processo tecnológico de natureza físico-química de gravação de imagem pela ação da luz.

A fotografia, por sua vez, não pode ser lida como uma invenção que surgiu do zero pelas mãos de um inventor ou mesmo de um grupo de pesquisadores. Ela é a junção de conhecimentos que foram adquiridos pela humanidade ao longo da história. O fenômeno óptico adquirido pela câmara escura na civilização oriental antiga, a fabricação de lentes convexas, o domínio e conhecimento de alguns elementos químicos e suas reações quando expostos à luz, por exemplo, são conhecimentos que compõem o conjunto de inventos técnicos responsável pela fotografia.

Fotografar caracteriza-se principalmente pela subjetividade do fotógrafo na escolha de seu objeto, enquadramento, luz e até mesmo do pós-tratamento que aquela imagem terá. Há autores (as) como Susan Sontag, que atribuem à máquina fotográfica muito mais do que a função de apenas captar e eternizar momentos.

Ninguém jamais descobriu a feiura por meio de fotos. Mas muitos, por meio de fotos, descobriram a beleza. Salvo nessas ocasiões em que a câmera é usada para documentar, ou para observar ritos sociais, o que move as pessoas a tirar fotos é descobrir algo belo. (O nome com que Fox Talbot patenteou a fotografia em 1841 foi calótipo: do grego kalos, belo.) Ninguém exclama: "Como isso é feio! Tenho que fotografá-lo". Mesmo se alguém o dissesse, significaria o seguinte: "Acho essa coisa feia... bela". (SONTAG, 1977, p. 65).

Sontag traz a câmera fotográfica como um fator de embelezamento ou busca pelo bonito, socialmente construído. Logo, a partir do momento em que algo ou alguém é fotografado, esse corpo ou objeto passa, segundo a autora, a ser belo. O belo, neste caso, no sentido estético, agradável aos olhos. Seria, por meio deste ato de fotografar, uma das possibilidades da pessoa que fotografa de reconhecer que, ao menos para ela, aquilo lhe chamou a atenção.

Pensar essa fotografia é pensar nela de forma mais específica e detalhada. Dentre os vários “tipos” de fotografia, “Meninos (Não) Choram” trabalha com retratos.

O que é o retrato? Um signo dotado de dois objetivos fundamentais – descrição de um indivíduo e inscrição de uma identidade social – escreve John Tagg. E o que é o autorretrato? Uma encenação de si para o outro, como um outro, afirma Philippe Lejeune. (FABRIS, 2004, p. 67).

Uma possível outra definição, apresentada de maneira mais simplificada, porém de compreensão mais fácil, dada pelo *site* *Câmera Neon* (*site* onde profissionais da área de fotografia compartilham conteúdos gratuitos sobre o tema), traz esse retrato como uma fotografia que mostre ao menos uma pessoa, com rosto ou parte dele em destaque. Podendo ser tanto individual quanto em grupo, posada ou despreocupada.

Retomando Sontag, outro aspecto que pode ser visto em seu argumento é que, além de fator embelezador, e provedor de uma concepção de reconhecimento, a câmera também é um objeto de inibição. Muitas pessoas evitam posar para esses porque acreditam não ficarem tão bem assim. É comum para fotógrafos/as ouvirem das pessoas que eles/as registram que as fotos tiradas precisam de retoques ou mesmo, quando necessário o registro, a pessoa colocada frente à câmera, veste-se do seu melhor sorriso e olhar na tentativa de sair minimamente parecida com a imagem que idealiza de si. Annateresa Fabris, em sua obra “Identidades Virtuais: Uma Leitura do Retrato Fotográfico” citada anteriormente, traz uma citação de Menezes muito pertinente do que apresento aqui, baseado nas devidas leituras, como sendo uma exemplificação desses apontamentos.

Retratos são mentirosos. Portanto, de agrado público. Não há quem não se engalane em poses e artifícios na certeza de que a imagem – revelada e fixada pelos séculos, amém – nada mostrará da alma. Nem de pensamentos íntimos. Ou segredos, atitudes. Vício desabonador capaz de estragar a pose, transformá-la em uma nódoa. Diante do retratista, todo mundo se alvoroça. Capricha na vestimenta, incrementa os acessórios, arma o sorriso honesto de quem, nunca, nesta vida, chafurdou-se no pecado. Pelas graças do bom Deus, um retrato absolve, só registra a aparência. Inventasse o retratista um medonho equipamento capaz de imiscuir-se no avesso das pessoas, ninguém, tão alegremente, exporia seus fracassos. (MENEZES *apud* FABRIS, 2004, p. 9)

Isso acontece porque as pessoas esperam muito mais do que apenas uma foto, elas querem ali, versões melhoradas de si mesmas. Como se aquele retrato, deixasse de representar aquela pessoa e passasse a representar quem ela gostaria de ser, ou, ao menos, a forma como ela gostaria de aparentar. Querem uma representação do irreal, para sentirem-se bem com a própria imagem que foi produzida e adulterada. E foi justamente essa capacidade de alteração da realidade, seja no ato de fotografar ou no pós-tratamento, quando por meio de programas de edição fotográfica a imagem sofre alterações e correções dos incômodos e imperfeições apontadas pelo/a fotografado/a que Sontag trouxe como sendo um dos principais difusores da fotografia de retrato, logo, é por meio dessa possibilidade da pessoa encontrar na fotografia produzida essa outra versão de si, que a procura pela captação de imagem ganha novos

patamares e é algo tão presente na sociedade contemporânea, casando-se bem com as afirmações feitas por Shimoda e que encabeçam esse capítulo.

Com a expansão do consumo de celulares com sistemas operacionais mais modernos e tecnológicos, a alteração das imagens produzidas se tornou muito mais fácil. Hoje há aplicativos para dispositivos móveis que simulam, ainda que de forma excessivamente simplista e limitada, as funções de programas mais avançados como o *photoshop* (Programa de digitalização e composição para fotos, designs da *web* e de aplicativos para dispositivos móveis, ilustrações 3D, vídeos e muito mais, desenvolvido pela *Adobe Systems*).

Quando ali, para além da direção da minha parte, o modelo exprime suas particularidades, trazendo sua própria singularidade para o trabalho. Faz-se então, de suma importância, a conexão entre retratista e retratado, uma vez que o fotografar por si só já carrega seus fatores inibidores, deveras potencializados quando essa foto entra no campo do despir-se, mesmo que não completamente. O homem, principalmente o hétero, tende a inibir o próprio corpo frente a uma câmera.

Pensar a fotografia de retrato é pensar também, a relação entre o fotógrafo e o que ele fotografa. Apontado por Fabris, Félix Nadar (pseudônimo adotado pelo fotógrafo, jornalista e caricaturista francês, Gaspard-Félix Tournachon, 1820-1910) é um forte nome a ser colocado como exemplo. Uma referência entre a elite intelectual parisiense da época, é de extrema importância ressaltar sua relevância enquanto retratista.

Tendo colocado frente à sua câmera grandes intelectuais franceses, como Charles Baudelaire, Gustave Doré e Eugène Delacroix, o trabalho de Nadar se destaca pela capacidade do retratista de, como dito por Fabris, penetrar na interioridade do ser humano. Ainda sobre a análise da autora a respeito do retratista, Nadar trazia uma ideia de intimidade que revelava bem mais do que rostos e torços. Seus retratos, frutos de uma comunhão dele com o modelo, do preparo que antecedia a captura e do estudo, principalmente em relação à luz, mostrava uma personalidade, entrando nos aspectos de história e romance, citados pelo próprio Baudelaire. Seu trabalho transparecia a proximidade que ele criava com seus modelos, coisa que não poderia, de fato, ser aprendida “da noite para o dia”.

Nadar estabelece uma distinção nítida entre a própria maneira de fotografar e o retrato banal, que considera um produto da teoria fotográfica. Se esta podia ser aprendida numa hora, seguida da aquisição de conhecimentos técnicos durante um dia, o que não podia ser aprendido era o “sentimento da luz”. Cabia ao fotógrafo-artista captar a relação entre rosto e luz, pois dela derivava a possibilidade de obter o “entendimento moral do sujeito – aquela compreensão instantânea que o coloca em contato com o modelo, o ajuda a resumi-lo, o dirige para seus hábitos, suas ideias e seu caráter e lhe permite produzir não uma reprodução indiferente, (...) mas uma semelhança realmente convincente e empática, um retrato íntimo”. (FABRIS, 2004, p. 24)

Mesmo que ainda extremamente atual, deixemos, um pouco que seja essa análise de retrato e pensamento do retratista em particular na década de 80 e tragamos a discussão para os dias de hoje. A autoexposição em mídias sociais levou as pessoas a simularem, em boa parte dos casos, uma vida que elas almejam e, não necessariamente, que elas levam. Não apenas o que consomem, os lugares que frequentam, o que vestem, mas também criou-se uma preocupação extrema em como elas aparentam em seus retratos. A própria imagem, no século XXI, virou uma marca, uma forma de mercadoria, seja através dos que ocupam esse papel de influenciadores/as digitais (pessoas cujas postagens em redes sociais são acompanhadas por inúmeras outras que consomem suas dicas de produtos, viagens, etc.) quanto por quem almeja esta posição.

É comum vermos perfis que expõem a imagem dessas pessoas tidas como influenciadoras, mostrando um “antes e depois” do pós-tratamento e edição pelo qual suas fotos passaram, principalmente quando se trata de celebridades midiáticas, grande maioria mulheres, como cantoras e atrizes. São perfis que se dedicam a analisar imagens e encontrar suas versões originais, antes das alterações feitas por meio dos editores de fotos. Alterações nas medidas de cintura, aumento dos glúteos ou seios, correção de alguma imperfeição no rosto estão entre os ajustes mais habituais feitos por elas. Por mais que não possamos concluir isso, pelo menos não agora, podemos nos atentar para a possibilidade das redes sociais então serem um fator que reforça a hegemonia dos corpos.

Tamanhas as proporções tomadas por essa ideia de compartilhar uma versão quase perfeita de si, que, segundo relatos de cirurgiões/cirurgiãs plásticos/as, tanto pessoas famosas quanto anônimas chegam a seus consultórios com fotos de si próprias alteradas por meio de programas e aplicativos de edição fotográfica, almejando ter aquele resultado na vida real.

Um exemplo disto é Anitta (nome artístico de Larissa de Macedo Machado). A cantora, compositora e empresária brasileira é hoje idealizada e tornou-se uma referência estética para muitos e muitas. Anitta configura no campo das celebridades que, além do próprio trabalho, também são influenciadoras. Em entrevista ao jornal Extra, disse já ter sido muito adepta do uso do *photoshop* para corrigir aspectos que ela considerava incômodos em sua aparência até o momento quando, após ter condição financeira para tal, resolveu “consertar aqueles defeitos na vida real” por meio de intervenções cirúrgicas, como ela mesma pontua.

Um dos tantos fatores que podem constituir a motivação por trás da prática das alterações feitas nas fotografias, a meu ver, é a idealização da imagem padrão estabelecida socioculturalmente e de forma hegemônica com o intuito de que essas pessoas, ao terem suas medidas alteradas por meio destes recursos tecnológicos de edição, aproximem-se da

autoimagem que idealizam, quando, por seus próprios motivos, não conseguem fazer como a cantora anteriormente citada e passarem por procedimentos estéticos.

Trazendo a discussão para o campo dos corpos, é possível fazer certas ponderações. Comumente, ao fotografar o masculino, principalmente o nu e o seminú, há, ao que me parece, uma valorização dos músculos de modo a ressaltar áreas como tórax, abdômen e braços, fazendo com que estes pareçam os mais torneados possíveis. Um movimento que já acontecia na fotografia feminina, principalmente na publicitária, cujas modelos quase sempre aparecem com as curvas destacadas, tendo, normalmente, os seios e os quadris como essas “áreas de destaque” em seus corpos. A partir destes estereótipos, criou-se um ideal de que esse é o corpo saudável, o corpo que vende uma boa imagem e que deve ser almejado.

Façamos um retrocesso temporal não muito longínquo. Em um caso específico e de experiência pessoal a fim de trazer uma exemplificação, lembro-me bem que no começo dos anos 2000 era um hábito semanal, meu e de minha mãe, e, em raros casos, com meu pai, irmos às bancas de revista no centro da cidade de Catalão, interior de Goiás, onde nasci e fui criado. Nas prateleiras mais altas, eram facilmente perceptíveis as revistas cujas capas estampavam mulheres nuas ou seminuas.

Quando não vinham nas capas de revistas como *Playboy* e *Sexy*, cujo objetivo era vender esse corpo feminino, era possível as encontrar em revistas com temáticas sobre esportes, carros, motos e sempre ocupando a parte da frente da estante. Por outro lado, o corpo masculino era consumido em revistas como a *G Magazine*, entendida como uma revista destinada ao público *gay* e nunca posta na frente das prateleiras, sempre à margem e um pouco tampada pelas revistas acima citadas. Nos raros momentos quando meu pai nos acompanhava, era comum vê-lo fazer comentários que incentivavam o consumo das revistas onde mulheres estampavam a primeira página, chegando até a comprar exemplares para mim. Em contrapartida, sempre reforçava ser “uma grande falta de vergonha na cara” revistas de nu masculino. Pontuava que aquele corpo masculino ali presente, era um corpo pornográfico, enquanto o feminino, nas palavras dele, “era bonito e devia ser apreciado”.

Com o passar do tempo, comecei a notar que o discurso adotado pelo meu pai naquela época em questão, era constantemente reforçado por outros homens. Seja na mídia ou mesmo dialogando com os que eu convivia. Anos depois, por mais que ainda existam grandes barreiras sobre o consumo desse corpo masculino nu, ele vem, aos poucos, ocupando lugares para além deste local do supostamente “pornográfico” que me foi ensinado.

A nudez masculina vem ganhando espaço nas fotografias artísticas, na produção de autorretratos para conhecimento do próprio corpo, em produções cinematográficas e séries de

televisão, por exemplo, a já encerrada série *Game of Thrones*, (Série de televisão norte-americana criada por David Benioff e D. B. Weiss, e baseada na série de livros *A Song of Ice and Fire*, de George R. R. Martin.) que em vários episódios trazia o nu masculino, fosse ele frontal ou não. Entretanto esse corpo masculino consumido, ainda assim, em grande maioria, não é qualquer corpo. Ainda parece ser um corpo masculino padrão aos olhos da masculinidade hegemônica. Seja esse corpo heterossexual ou não, o que conta é que sua aparência transpareça a noção do másculo, viril. Limitando e excluindo a representatividade dos corpos que divergem desse padrão imposto e se configuram em um local de uma masculinidade subordinada.

No Brasil, e mais particularmente no Rio de Janeiro, o corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido (GOLDENBERG e RAMOS, 2002). Pode-se pensar, neste sentido, que, além do corpo ser muito mais importante do que a roupa, ele é a verdadeira roupa: é o corpo que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado. É o corpo que entra e sai da moda. A roupa, neste caso, é apenas um acessório para a valorização e exposição deste corpo da moda. (GOLDENBERG, 2006, p. 118)

Existe uma regra, certo tipo de padrão a ser seguido sobre como esse corpo deve configurar e ser caso ele almeje ser consumido pelas massas. É como Mirian Goldenberg cita acima em “O Corpo Como Capital”, mesmo usando especificamente o Rio de Janeiro na análise, facilmente podemos encaixar essa fala em um contexto mais abrangente. São esses corpos perfeitos aos olhos desse padrão exigido que se tornam mercadorias consumíveis, produtos dignos de serem vendidos.

Pensando nesse corpo masculino nu e seminu configurado como mercadoria e produto de consumo, trago exemplos. Apontadas como referências para este trabalho, as revistas *Nudus Magazine* e *Mastangelox* pertencem a esse segmento de revistas fotográficas onde há uma exposição e valorização do corpo masculino. Vendidas por meio de financiamento coletivo online, ambas apresentam algumas outras semelhanças entre si.

Oriundas de projetos que começaram por meio de uma rede social (*Instagram*), são também idealizadas por fotógrafos homens, cisgêneros e assumidamente homossexuais que resolveram ter como foco de seus respectivos trabalhos, até então, o homem. Mesmo que façam outros tipos de fotografia, é ainda na fotografia do corpo masculino que se concentra a maioria de seus trabalhos.

A *Nudus*, já no mercado há algum tempo, é considerada por muitos como a pioneira desse segmento de projetos online que, posteriormente, viram revistas (físicas ou virtuais). Com a sua primeira edição lançada em 2016, até o presente momento, está na sexta edição. Criada por

André Carlos de Araújo Bispo (ou só André Carlos, como é conhecido em suas redes sociais pessoais), fotógrafo brasileiro, a revista que teve seu primeiro respiro em uma apresentação de TCC (trabalho de conclusão de curso) usa de uma diagramação irreverente para as composições de suas páginas. Colagens, sobreposições de imagens, pequenos elementos como coroas, correntes e outros adereços criados virtualmente e até mesmo ilustrações, oriundas de trabalhos feitos em parceria com ilustradores e artistas plásticos, são alguns dos recursos presentes na *Nudus*.

A *Mastangelox*, criada pelo fotógrafo Alef Michel Mastangelo Hassan Ghosn, é um projeto ainda recente que surgiu na cidade de São Paulo. Especializado, assim como André Carlos, na fotografia masculina, apenas no ano de 2018 Mastangelo trouxe uma versão impressa de seu trabalho, sendo assim, uma edição “filha única” até o presente momento. Conta com uma diagramação menos elaborada, sem muitos adornos, com poucas ilustrações e uma colagem de fotos mais simplista e aposta, mais do que a *Nudus*, em uma interação entre os modelos, trazendo inclusive casais em suas imagens.

O conteúdo dessas revistas? O corpo masculino nu e seminú. Um nu ora frontal ora não, apresentado tanto de maneira explícita quanto menos explícita. Em análise dos exemplares das edições 4, 5 e 6 da revista *Nudus Magazine* e o exemplar da primeira edição da revista *Mastangelox*, o que se pode notar é a presença do corpo masculino padronizado. Homens em sua maioria brancos, cis, com músculos, principalmente do peito e tórax, bem definidos são os mais recorrentes no conteúdo dos exemplares analisados. Em seus respectivos perfis no *Instagram* os fotógrafos apresentem uma pequena e quase inexistente diversidade de corpos de seus modelos. Essa hegemonia dos corpos padronizados e musculosos se estende para além do digital e ocupam as páginas da versão impressa de seus trabalhos.

Apesar da sensibilidade e vulnerabilidade dessa nudez em alguns casos, dos movimentos, das poses que vão desde as mais sutis e delicadas até às mais bruscas e agressivas e de uma sensualidade que caminha por uma linha tênue entre o erótico e o pornográfico, ainda assim, os corpos que ilustram e carregam essas características, são corpos lidos como viris, com músculos ressaltados e uma valorização de suas genitálias. Corpos que quando não possuem por completos as características de um corpo padrão hegemônico, “fogem”, por assim dizer, em pequenas características dele (padrão), como em uma barriga não tão definida, uma quantidade de pelos que seria considerada excessiva, ou mesmo em um corpo não tão musculoso, mas que continua sendo um corpo magro.



**Figura 2:** Foto tirada e publicada pelo fotógrafo Mastangelo em seu perfil  
**Fonte:** *Instagram*



**Figura 3:** Foto tirada e publicada pelo fotógrafo Mastangelo em seu perfil  
**Fonte:** *Instagram*

Mesmo não existindo uma análise profunda e uma pesquisa destinada apenas ao estudo destes perfis, ainda que, grosso modo e um pouco arriscado, considero possível afirmar, com base nos comentários e na busca dos perfis que interagem com os projetos, que o público consumidor desses produtos são, em uma maioria gritante, homens. Homens cis e LGBTQIA+, uma vez que parte dos comentários que trazem desde elogios aos corpos dos modelos, à sua

beleza e também à sua aparência como também comentários que possuem conotação sexual. Comportamentos esses, não muito praticados por homens heterossexuais por serem praticamente inexistentes no conceito da masculinidade hegemônica.

Trazendo para a discussão outros trabalhos para além da *Nudus* e a *Mastangelox*, é possível citar o *Projeto Individual*, o *Desnu.de* e o *Nu Quarto 36*. Todos estes três, também idealizados por fotógrafos, homens, cis, tendo com outros homens nus e seminus como seus “objetos” fotografados, apresentam mais uma semelhança: fazem uso de enquetes, em seus perfis de *Instagram*, a fim de realizarem um levantamento da opinião do público a respeito dos modelos selecionados.

Estas enquetes pertencem a uma ferramenta disponibilizada pelo próprio *Instagram* e ficam, depois de criadas, disponíveis para acesso por 24 horas. Nelas há a possibilidade de seus criadores fazerem uma pergunta e colocar duas opções de respostas curtas. Em muitos casos, como destes perfis acima citados, as opções de respostas acabam sendo “sim” ou “não”. As utilizam, normalmente, postando uma foto ou vídeo do modelo selecionado, quase sempre com pouca ou nenhuma roupa. Perguntam se as pessoas gostaram ou não do fotografado em questão ou mesmo se gostariam de vê-lo em projetos futuros destes fotógrafos. Os corpos ficam dispostos nessa espécie de “berlinda” virtual à mercê do voto popular.

Mesmo não sendo possível quantificar com exatidão as enquetes, uma vez que já as acompanho antes de se tornarem referência para a construção argumentativa deste trabalho, posso afirmar, com base nas várias que vi, que a porcentagem de aprovação para os modelos com corpos dentro do padrão do másculo hegemônico era massivamente superior à reprovação. Em contrapartida, modelos apresentados fora deste padrão imposto, sejam por aparentarem estar acima do que ditam como “peso ideal” ou mesmo, no sentido oposto, por serem “muito” magros, normalmente tinham uma quantidade maior de respostas negativas, que sempre são mostradas em porcentagens.

Ainda não sendo capazes de nos levar, de fato, a um resultado conclusivo sobre o corpo masculino percorrido ao longo deste trabalho, algumas observações podem ser feitas, com base em percepções que tive sobre o assunto. Estampar as páginas destas revistas coloca esse corpo em voga. Ainda que não seja uma visibilidade muito grande ou ampla, uma vez que, por exemplo, o consumo destes exemplares impressos é extremamente menor se comparado à visibilidade que este corpo masculino teria em um programa televisivo de canal aberto, ela (a visibilidade) existe.

Estes fotógrafos colocam esse corpo masculino despido em um local de maior vulnerabilidade, nem sempre fazendo uso de poses tipicamente associadas ao que seria o macho

dominante, como o braço cruzado, por exemplo. Em muitas páginas esses modelos aparecem abraçando seus corpos, com mãos e rostos suavizados, expressões e olhares que vagam pela imagem. São homens que, em momentos íntimos, transparecem certa solidão, transparecem alguns sentimentos de maior delicadeza. Ainda que sejam homens cujos corpos estão inseridos no padrão físico imposto pela masculinidade hegemônica, a maneira como estes corpos é mostrada, em várias vezes, não pertence a esse local de comportamento do macho hegemônico.

Estes corpos ocupam, ali, um lugar distinto. Não é o local da publicidade, mesmo se tratando da venda de um objeto (revistas), como seria se estivessem estampando um catálogo de cuecas. Não é um local, cujo machismo enraizado socialmente traz como sendo tipicamente dominado por homens. Locais, como, a oficina mecânica, os campos de futebol ou o escritório de uma grande empresa, dentre outros (mesmo sabendo que tais espaços são igualmente, e tão bem, ocupados por mulheres). São homens em cômodos que poderiam ser os de suas casas e apartamentos, em pouca ou quase nenhuma roupa, em situações que não são comumente divididas com a sociedade e, principalmente, com demais homens. Homens mostrados ali, naqueles retratos, por vezes, fazendo algo que nos é coagido a ser evitado: demonstrar que sentimos.

Existe então, uma dualidade. Ao mesmo tempo em que estas revistas trazem este corpo masculino (em suma maioria, o corpo hegemônico) em situações de vulnerabilidade, também podem funcionar como reforçadoras da ideia de como, segundo a masculinidade hegemônica, deve ser este corpo. Um reforço sobre qual seria o estereótipo físico ideal. Trazem em suas páginas uma maior quantidade de modelos brancos, musculosos ou mesmo de porte atlético, cis e de cabelos lisos. Ainda que em um momento de demonstração do sentir, acredito ser possível pensar estes retratos como uma confirmação de que só quem possui estas características físicas específicas merece ocupar as páginas daquele material publicado.

Pensar isso é também fazer o movimento que nos leve a refletir sobre o que motiva este comportamento. Não seria, por vez, a mercantilização do corpo masculino dentro do padrão hegemônico a forma desses fotógrafos cumprirem um objetivo primário que é vender o produto? Um levantamento possível a respeito do assunto é que, baseando-se no gosto de seus seguidores por meio das votações nas enquetes e da repercussão (contagem de comentários e números de curtidas) nas postagens que antecedem as vendas, os fotógrafos podem assim, ter uma noção considerável do que agrada ou não esse nicho que consomem seus trabalhos e, com base nisso, colocam em seus projetos impressos o tipo de corpo masculino que essas pessoas querem consumir e esperam encontrar em forma de fotografia como conteúdo das revistas.

## 4 PRODUTO

"Meninos (Não) Choram" é um fotolivro que surge de uma inquietação que tive causada por um dos modelos presente neste trabalho: meu pai. Ele sempre me ensinou, baseado no que considera ser o modelo correto a ser seguido, como um homem deve se comportar e se portar. Rígido, sem muitas demonstrações de sentimento e afeto. Por mais que ele tenha mudado sua forma de enxergar tais maneiras reducionistas de ser um homem e hoje entenda melhor a existência de uma pluralidade no ser masculino, ainda assim, tais questões sempre me atravessaram.

Nunca fui, de fato, de demonstrar muito sentimento ou afeição, acredito que, muito disso, consequência da maneira como fui criado por ele. Nunca tive o hábito de chorar ou dizer às pessoas que as amava. Entretanto, sempre me incomodou pensar o motivo pelo qual outro homem deixaria de ser visto como homem se o fizesse. "É que sentimento é coisa de mulher". Essa sempre foi a resposta que ouvi, da boca de vários outros homens além do meu pai, como tios, primos mais velhos e até mesmo amigos. Quem dera fosse possível então, a meu ver, que todos nós fôssemos assim, "tão mulheres" como esses homens sempre pontuaram.

Quis então, por meio de uma coletânea de imagens, visto que a fotografia sempre foi minha primeira paixão dentro da graduação e para bem antes dela, mostrar esses homens que, supostamente, deveriam cumprir, dentro da lógica intolerante e excludente da masculinidade hegemônica, um papel de rigidez e apagamento de seus afetos, não demonstrando praticamente nenhum sentimento frente aos demais homens. Uma demonstração simples de sentimento, se que se torna, em muitos grupos sociais, algo quase proibido, vexaminoso.

Para além das fotos, utilizo de pequenos relatos dos próprios modelos. "Quero saber de você, enquanto homem, como foi posar para esse ensaio. De que maneira isso te afetou, mexeu com você, se afetou, se mexeu, qual sensação você teve, o que isso te causou, se você se sentiu bem, se te fez pensar alguma questão a respeito de você mesmo". Esta foi a mensagem enviada para cada um dos fotografados, cujas respostas dadas, aparecem no início dos capítulos do fotolivro não sofrendo nenhuma alteração, com exceção do Nils. Mesmo tendo um conhecimento bom da língua portuguesa, por estar há um certo tempo afastado do Brasil e tendo como língua materna o alemão, sua resposta apresentava alguns erros de concordância e ortografia que, autorizado por ele, corrigi no fotolivro.

Estes capítulos, por sua vez, mostrados primeiramente no sumário, são assim chamados de capítulos por acreditar que, se encontram ali, histórias contadas por estes fotografados através de imagens. Mesmo não configurando o modelo habitual de capítulos que encontrado em livros, com título, textos mais longos, podendo ou não ter imagens, ainda assim, há muito que ser

contado por eles, mesmo que não principalmente através de palavras. Seus capítulos carregam seus respectivos nomes, sua identidade. É uma maneira de reforçar no trabalho quem eles são e que, por mais que configurem juntos um todo, ainda assim mostrar que são diferentes e têm sua individualidade, particularidades e uma bagagem emocional distinta.

#### **4.1 Modelos**

Eu sabia que queria fotografar homens. O primeiro deles, e, até então o que eu achava ser o mais difícil de convencer a posar para mim, meu pai. Porém, era necessário que houvesse outros indivíduos. Percebi que um só não era o suficiente. Tendo em mente o conceito que gostaria de expressar através das imagens, um a um dos modelos foi surgindo. João Vitor, Fábio, Guilherme, Julio, Nils e Maurício. Pensei, como critério para a seleção destes homens, primeiramente seus corpos. Queria retratar o corpo masculino pertencente ao padrão midiático e que, por isso, para essa mesma mídia e sociedade, deveria cumprir o papel do masculino hegemônico em uma situação diversa do que é esperado dele. Uma situação de introspecção, de sentimentos e de um encontro e reconhecimento de si, enquanto ser que sente.

Para muito além do fato de serem homens, entendi que aquelas pessoas tinham outro ponto em comum: eram pessoas que me afetavam. Não era somente o corpo masculino, mas os homens que, em situações de amizade, de envolvimento afetivo e amoroso, laços sanguíneos, da construção de uma família longe da casa dos meus pais, passaram pela minha vida, deixaram sua marca de alguma forma e até hoje permanecem. Entendi que minha escolha se baseava muito mais no afeto, cumplicidade e no sentimento que eu tenho por cada um, do que meramente em seus corpos e seu gênero. Homens, que percebi ali, não terem uma variedade muito singela de corpos, cores e feições. Um movimento que me levou a perceber que, além destes seis, os outros homens que estão inseridos no mesmo meio que o meu, em tanto se parecem fisicamente comigo.

Homens que, ao aceitarem posar para minhas lentes, mesmo que munidos de suas próprias barreiras e conceitos estruturais a respeito do que é ser um homem dentro dessa noção hegemônica de masculinidade na qual todos eles foram criados, deixaram tudo isso de lado, mesmo que momentaneamente em um enfrentamento de sua própria masculinidade heteronormativa dominante, aprendida e incentivada ao longo de suas vidas. Para além da direção da minha parte, a confiança que dispomos e os momentos de diálogos durante as sessões de fotos foram de extrema importância para a realização de cada uma das imagens. Foi graças a essa combinação que os ensaios fluíram. Neste trabalho há uma espécie de acordo, sempre

respeitando os limites de cada indivíduo. Coloco em seus capítulos imagens aprovadas por eles, afim de não expor ali alguma foto que os contrariasse. Afirmo que, o resultado esperado por mim, não apenas foi alcançado, como ultrapassou minhas expectativas.

Vi então que eu não estava produzindo apenas um trabalho para mostrar que aqueles homens sentem, mas sim, um trabalho no qual eu me colocava a sentir também. Um trabalho que foi movido por isso: sentimento. Um sentimento que, ao longo do processo de produção dessas fotos, percebi que, mesmo nos pequenos detalhes, eu também mantinha aprisionado em mim e não me permitia vivê-lo. Todas as vezes que deixei de dizer o que sentia, as demonstrações de afeto que evitei, as problematizações que reproduzi em cima de cores, como azul e rosa, cuja sociedade estipula sendo de determinados gêneros. Para muito além da fotografia de outro corpo, mesmo que não frente às câmeras ou estampado em imagens desse produto, “Meninos (Não) Choram” também conta – e muito – com a ruptura das minhas barreiras em relação a demonstrar sentimentos frente a outro homem. A diferença, no caso dos meus fotografados, é que, eu não estava sendo captado em imagens.

#### **4.2 Locação e vestimenta**

Decididos os modelos a serem fotografados, era preciso pensar o local. Cogitei, em um primeiro momento, fazer todas as fotos em estúdio. Ambiente e luz controlados, seria mais fácil, mas então pensei a respeito das roupas. Entendi que para a proposta de maior intimidade funcionar, os modelos precisariam estar parcialmente “despidos” por assim se dizer, em poucos trajes, fossem eles íntimos ou não, e entendia também o quão complicado para alguns poderia ser usar tais peças em um estúdio. Foi quando surgiu a ideia de seus quartos.

Normalmente é no quarto que temos a intimidade e a coragem para sermos nós mesmos, onde em grande maioria não nos importamos tanto com o que estamos vestindo ou se quer, se estamos vestindo algo. É no quarto, quando estamos a sós, que nós homens muitas vezes nos sentimos menos tolhidos por nossas obrigações sociais de seguir esse padrão heteronormativo e arcaico de comportamento que nos priva de demonstrar o que de fato somos. O quarto de cada um pode então se tornar a zona neutra, resistente da imposição deste “*modus*” de ser. Uma válvula de escape, um lugar de conforto.

O primeiro modelo fotografado, João Vitor, teve seu ensaio todo feito em seu quarto. Tentei manter esse padrão com os demais. Consegui com quase todos, exceto com o Nils. No caso dele começamos as fotos no quarto no qual se hospeda quando vem ao Brasil. Senti que não poderia/deveria me ater somente neste cômodo, afinal, dentre todos os modelos, ele era o

único que não permitia a mais remota possibilidade de refeitura das imagens, vez que retornaria a seu país logo após o dia das fotos. Mudamos a locação para a cozinha, onde a segunda, terceira e quarta fotos presentes em seu capítulo, aconteceram. A luz ali estava um tanto quanto melhor. Pensei se aquilo poderia atrapalhar a narrativa do projeto, porém, me deixei levar. Fotografei e foi quando, sem motivo aparente, ele começou a chorar. Engoli o meu choro ao ver aquela cena e continuei com os cliques. Havíamos conversado sobre fazermos fotos no banho, foi então que tivemos a terceira locação, onde foram feitas todas as fotos seguintes.

Ao montar o livro e vendo ele finalizado, meu medo passou. Entendi que, apesar de parte do local daquele penúltimo capítulo ter sido diferente dos outros cinco, todos contavam suas histórias, a seu modo como podiam ou nos permitia os espaços disponíveis, possíveis e que, para muito além dos ambientes, os protagonistas eram aqueles homens e o sentimento que eles expressaram em cada uma das imagens. Assim a locação, mesmo que importante, permaneceu em um segundo plano.

### **4.3 Fotografias**

Nas fotografias, busquei retratar homens que são lidos socialmente como pertencentes ao padrão do masculino hegemônico em situações de reflexão e sentimentos quase nunca acessados em público, como tristeza, angústia e solidão. Eram – e ainda são – pessoas com as quais tenho uma grande intimidade. Um vínculo afetivo extremamente forte. Eu não estava ali apenas fotografando homens que teriam seus corpos estampados em meu trabalho e somente isso. Estava ali, para além da posição de fotógrafo, na posição de amigo, ouvinte.

Durante todo o ensaio conversei com os fotografados. Falaram-me sobre problemas pessoais e familiares, anseios em relação ao futuro, medos. Compartilharam comigo suas últimas aventuras amorosas, a viagem que não deu certo, a última briga com a mãe, a preocupação com o prazo daquele ensaio realizado em um dia de muitos afazeres. Minha direção fotográfica por vezes se misturava a conselhos ditos em tardes ensolaradas onde usava o tempo, para além da realização de um ensaio, de maneira a ter um encontro com esses homens que, em tanto me importam, mas que nem sempre há essa oportunidade de conversa e troca.

Antes de detalhar melhor sobre os elementos presentes na imagem, é de extrema importância apontar os motivos para a escolha das fotografias que estão no produto. Muito além do meu agrado e de atender ao que eu propunha com o trabalho, considerei de extrema importância e relevância a opinião dos modelos sobre as fotografias. Durante os ensaios mostrei a cada um, mesmo que rapidamente pelo visor da câmera, as imagens produzidas. Expliquei que

as fotos ainda passariam por um tratamento, que não seriam coloridas, mas que as opiniões deles a respeito da imagem eram algo que eu levaria em consideração. Tentei então respeitar essa intervenção dos modelos em relação ao material, mas também precisei priorizar as imagens que atendessem ao propósito do fotolivro.

A expressão dos fotografados foi um fator decisivo para que eu decidisse o que entrava ou o que era cortado do trabalho. Em minha direção, explicava de uma maneira geral aos modelos o que gostaria que eles demonstrassem naquelas fotos. Pedia que me entregassem uma expressão mais triste, que pensassem em algo que realmente os tocasse emocionalmente, mesmo que não me fosse falado o que era esse pensamento. Vez ou outra direcionava mais detalhadamente onde gostaria exatamente que a mão estivesse, para onde deveriam direcionar olhar, como deveria ser a sua postura. Entretanto, sua expressão, seja ela no rosto ou mesmo sua linguagem corporal, era o que colaborava para a seleção final.

Além do fotografado, eu era o único presente naqueles espaços nos dias dos ensaios e que sabia a respeito de todo o processo para a feitura daquelas imagens. Logo, pautei minha seleção também nas emoções que aquelas imagens traziam à tona dentro de mim. Após tratadas, as encarei por certo tempo. Algumas, como do meu pai, Julio e Nils, causam em mim um estranhamento instantâneo. Um sentimento de “nó na garganta”. Uma espécie de sufoco, que, por várias vezes tão forte, me transbordava aos olhos. Em outras imagens o meu sentir foi pautado muito sobre o contexto. Fotos tiradas, por exemplo, logo após relatos de situações e problemas pessoais que, a pedido deles, não entraram aqui. Uma foto clicada logo após aquele desabafo. Eu senti, ao encarar essas imagens, que era possível reviver aquele momento e que o olhar perdido, a mão tensionada, o corpo encolhido, contavam novamente aquela história.

Para além de seus corpos e rostos como um todo, há um destaque um tanto quanto significativo para as mãos e o olhar, mostrados através de fotografias de plano detalhe e de planos mais fechados. Acredito que essas são as partes que mais expressam o que sentimos. Os dedos inquietos, tensionados, podem, várias vezes, dizer muito mais do que as palavras, ou até mesmo o olhar, em algumas circunstâncias mais preparado para se esconder. Também os olhos, chamados comumente de “janelas da alma”, neste trabalho surgem com o papel de expressar sentimentos que o peito carrega. Um olhar vago que ora busca esperança, ora traz consigo o peso da tristeza, como também encara a lente da câmera, quase em um pedido de ajuda. Um olhar que se perde, que procura algo, que chora, que conversa, que sussurra ou grita.



**Figura 4:** Julio em plano mais fechado com ênfase nos olhos lacrimejando  
**Fonte:** Elaboração do autor



**Figura 5:** Plano detalhe das mãos e pé direito de Maurício  
**Fonte:** Elaboração do autor

Clicadas à tarde, entre 14h e 16h, sem o uso de qualquer luz artificial que fosse e tendo o material para o produto sempre à mercê das condições climáticas, uma vez que a luz solar que entrava pelas janelas daqueles cômodos era crucial para sua realização, as fotos foram feitas em cor e só no pós-tratamento, colocadas em preto e branco. O que causa certa dificuldade em padronizar a escala tonal das imagens, uma vez que em alguns dias, por exemplo, a luz solar era mais forte que em outros. Entretanto, tentei minimizar ao máximo possíveis problemas em relação a isso, buscando não as deixar iguais, mas em tons que conversem entre si e corroborem para a narrativa do produto.

Por não dispor de um computador que comporte editores de imagem mais elaborados, pesados e que carecem de certos aspectos técnicos para seu bom funcionamento, como o

*photoshop*, fiz uso de um programa chamado Picasa. Nele eu utilizo de uma ferramenta que tira a cor da imagem, deixando ela em preto e branco. Em cima disso, trabalho questões como contraste, luminância, aumento e diminuição de sombras. Essas alterações aconteceram conforme exigências da própria imagem. Fotografias feitas em dias mais ensolarados e com uma luz natural mais estourada, precisaram de um aumento maior de sombras e contraste, por exemplo, do que imagens onde a luz solar era mais amena.

Nesse momento de pós-tratamento da imagem não faço pouquíssimos recortes. O enquadramento das imagens foi feito, em suma maioria, durante sua produção em campo. Os recortes feitos posteriormente serviram para eliminar alguns objetos indesejáveis que apareceram na imagem e não acrescentavam informações relevantes para o trabalho, por exemplo, um pequeno amontoado de roupas sujas em um dos cantos do quarto do João Vitor.

A ideia de trabalhar com o preto, branco e cinza tem como objetivo elucidar esses sentimentos que pedi para serem acessados pelos fotografados. Sempre enxerguei na fotografia em preto e branco uma imagem que por si só carrega uma dramaticidade maior consigo. Uma foto que me parece um tanto quanto mais densa, profunda e que, a meu ver, leva quem a observa a se concentrar em certos detalhes que muitas vezes uma foto colorida ou pouco contrastada não nos permite ver, como por exemplos certas linhas de expressão, uma leve tonalidade destoante dos fios de cabelos, marcas adquiridas ao longo dos anos, etc. Neste lugar desnudado das cores, parece, para mim, que o corpo e suas expressões reclamam maior atenção.

Por isso, também, não trago qualquer tonalidade de preto e branco. Pensando nessas marcas físicas, nesse olhar e no que ele exprime, busquei uma tonalidade onde as sombras e os contrastes foram mais carregados. Considero as tonalidades mais claras, sem muitos contrastes, tonalidades que podem “roubar”, por assim se dizer, muitas informações de uma fotografia. Por exemplo, no apêndice três, apresentado logo abaixo. Ao tirar um pouco do contraste, perderíamos algumas linhas de expressão, principalmente na região dos olhos e maçãs do rosto, uma vez que já estão mais iluminadas pela oleosidade natural do tipo de pele do fotografado ressaltada pela luz do sol que incidia em seu rosto. Mais ainda perderíamos se fosse optado pelo uso da imagem original, colorida.



**Figura 6:** Plano mais fechado onde contraste evidencia marcas de expressão no rosto de Maurício  
**Fonte:** Elaboração do autor

Quase sempre gostei de “jogar com o seguro” ao se tratar das fotos que produzo. Imagens feitas sem muita exploração de poses, tiradas em planos mais abertos, sempre visando à estética e não me importando tanto com a história que aquela imagem poderia contar. Isso se dava por, erroneamente, achar que somente esse tipo de foto seria bonita aos olhos e, em grande partida também, por exigência dos/as clientes que contratavam meus serviços.

Neste trabalho, após a experiência que tive com o primeiro modelo fotografado, o João Vitor, onde segui esse padrão de produção fotográfica que já carrego comigo há alguns anos, entendi que precisava fazer diferente. Em diversos momentos ao longo desse fotolivro, arrisco-me em recortes mais agressivos, abruptos, aproximados e não muito suaves. Tais recortes foram feitos durante a própria produção da imagem em campo e não em um pós-tratamento. Meu objetivo ao fotografar assim foi transmitir o que acredito ser, uma força da imagem. Uma força que só é acionada quando foge, mesmo que um pouco, do óbvio e do comumente visto, ou do que se parece com a forma como vemos o mundo por meio de nossos olhos.



**Figura 7:** Nils em plano detalhe que apresenta um corte mais abrupto de imagem focando no olho  
**Fonte:** Elaboração do autor

#### **4.4 Diagramação e escolhas editoriais**

Por mais que a diagramação tenha sido generosa e comprometidamente executada pela minha estimada amiga Giuliana Terranova, foi um processo todo trabalhado em dupla. Sentados juntos, discutíamos a respeito do que eu gostaria de exprimir com aquela montagem de trabalho para além, é claro, do estético. A diagramação contém elementos de linearidade, como também elementos de quebra, mas que juntos, contam histórias. As sequências de fotos é uma tentativa de criar certa narrativa a cada capítulo. Por exemplo, no capítulo do Julio, onde há uma sequência final de quatro fotos em que brinco com o foco das imagens. Tal recurso foi utilizado para passar a ideia de que o modelo em questão começa perdido, absorto, desfocado e que ao longo do tempo ele vai se encontrando, onde termina em uma foto em que seu rosto está nítido. Retratei ali o que aconteceu no ensaio, onde houve certos entraves de início mas que com o decorrer do ensaio foram desaparecendo aos poucos.

O título "meninos não choram." (como era a princípio, sem parênteses) acontece todo no diminutivo por ser uma frase reducionista, limitadora. É uma expressão que coloca a todos os masculinos e masculinizados nessa posição de meninos, como se sempre precisassem aprender de alguém que sabe mais. Uma ideia hierárquica de que aqueles outros, os homens, cujo comportamento é pertencente a esse conceito masculino heteronormativo padrão, têm autoridade sobre esses que estão ainda a aprender com eles e que, por não terem esse comportamento dos ditos homens, são meninos.

O ponto final é para trazer essa ideia de que estas afirmativas são assim porque são e não carecem de questionamentos. É aquilo e fim, sem mais discussões sobre. Não são

reticências, não é uma vírgula e não precisa ou mesmo carece de nenhum complemento, ao ver desse grupo que se entende como sendo os machos. Após a qualificação do meu trabalho no período anterior, me foi apontado pelo professor Felipe Viero a respeito de, talvez, a possibilidade de colocar parênteses na palavra "não", afinal, mesmo que meninos não chorem ao ver da parcela masculina hegemônica, meu trabalho se propunha a mostrar que eles choram, sentem, demonstram, ou ao menos deveriam o fazer. Não havia como não concordar, era exatamente aquilo. Foi então que os parênteses entraram.

Ao abrir o fotolivro, na contra capa há uma fotografia de uma estrutura de madeira. Não foi pensada nenhuma questão para além do estético para essa imagem. Apenas senti necessidade de algo que preenchesse aquele espaço. Entretanto, essa mesma imagem tem um papel fundamental ao longo de todo o produto. A parede daquela foto é usada como imagem de fundo para outras várias páginas onde a diagramação deixava espaços em branco. O intuito de usar essa fotografia de fundo para esses espaços de respiro foi criar um diálogo entre todas as páginas, mantendo desde a contracapa esse elemento de ligação.

Outro aspecto que vale ser apontado em relação ao fotolivro é a respeito da disposição das fotos nas páginas. Ora sobrepostas ora lado a lado, de maneira simétrica ou não, em sua grande maioria elas possuem um espaço lateral em cinza, quase como uma moldura, afim de enfatizar essa noção de solidão, como se as imagens estivessem vagando naquele local de sentimento e imersão. Há também o recurso de “colagens” dessas imagens, no capítulo do Guilherme, precisamente. Essa colagem se dá por conta de uma narrativa. Aquelas três fotos na penúltima página, onde o cigarro aparece como um acessório, contam uma história. “Você morre” é a frase apresentada na foto do meio. Frase essa, estampada na embalagem do cigarro afim de conscientizar sobre os malefícios de seu uso, mas que no contexto do ensaio, a trouxe como uma mensagem a respeito da finitude da vida. Você irá morrer, então, não deixe de viver todos os sentimentos que há em você independente das imposições sociais as quais muitos de nós estamos atrelados.



**Figura 8:** Página do fotolivro “Meninos (Não) Choram” com sobreposição de fotos do Guilherme  
**Fonte:** Elaboração do autor

Optei por uma diagramação mais sóbria e minimalista, sem muitos adornos ou enfeites. Isso se deu por considerar necessário que as fotos falassem por si. Quis mantê-las em seu papel de protagonismo afim de que a atenção das pessoas fosse direcionada diretamente para elas sem nenhuma distração com outros possíveis elementos gráficos. Esse jogo com as imagens é um recurso usado também para trazer para esse fotolivro uma maior quantidade de fotografias, consideradas por mim, de extrema necessidade para que a narrativa acontecesse.

O fotolivro também apresenta uma padronização em sua quantidade de páginas. Sendo sempre uma foto de página dupla para o abre, seguido de mais seis páginas por modelo. A ideia das seis páginas foi pensada para que houvesse espaço suficiente para um número considerável de imagens e também de forma a não ficar muito cansativo cada capítulo. Fizemos (eu e Giuliana) testes com mais e menos páginas. Quando tentamos com o abre seguido de apenas quatro páginas, pareceu insuficiente. A narrativa dos capítulos se cortava e não havia uma amarração para aquelas histórias. No teste onde usamos oito páginas posteriores à primeira imagem, consideramos o capítulo carregado. Nos pareceu que ficava uma leitura de imagem cansativa. Utilizando dessa forma como foi escolhida, a sensação que tivemos é que você vê a primeira imagem de cada capítulo e ao chegar ao final dele, ainda se lembra dela. Foi um recurso pensado para que o leitor e a leitora deste livro não se esquecessem daquelas imagens por conta de uma vasta quantidade de material.

Busquei trazer harmonia ao produto utilizando de uma mesma escala de cor, por exemplo, também apresento elementos que fazem uma ruptura. As fotografias usadas nos abres dos modelos, ao mesmo tempo em que são semelhantes também são díspares. Sua semelhança está no fato de que todas apresentam o modelo mais ao canto, sempre com a parede de seus quartos funcionando como um respiro.

Este recurso da parede foi pensado para que pudesse haver um espaço para encaixar as falas dos modelos de maneira que o texto ficasse legível e não “brigasse” com os demais elementos das imagens. Em contrapartida, a ruptura se dá devido aos enquadramentos usados. As imagens foram enquadradas da maneira que estão já no ato de fotografar e não em um pós-tratamento. Ora mostro mais do rosto do modelo, ora mais do corpo. Essa escolha se deu baseada primeiro, na expressão que os modelos entregaram e segundo, visando resolver alguns entraves pessoais deles que, por pedido dos próprios fotografados, não carecem de entrar aqui de maneira mais detalhada.

## 5 DIÁRIOS DE CAMPO

### 5.1 João Vitor Moreira

O João foi um dos primeiros que me veio à cabeça. Nos conhecemos em 2017, em Ouro Preto, onde um amigo em comum nos apresentou. Desde então, nunca perdemos contato. Atrevo-me a dizer, em tom de brincadeira, que eu e o “Jão”, como carinhosamente o chamo, somos como “cão e gato”, e que nossa amizade, como tão bem cantada por Leandro e Leonardo (dupla de cantores sertanejos nascidos no estado de Goiás, Brasil), se faz “entre tapas e beijos”.

Em minha primeira conversa com ele a respeito do projeto, rapidamente disse que me ajudaria e que seria um prazer posar para mim. Expliquei a respeito de como seriam as fotos, a pouca vestimenta, uma vez que gostaria que fossem feitas fotos de cueca ou mesmo em pequenos trajes (de preferência confortáveis) usados para dormir e o que eu gostaria de imprimir naqueles retratos. A locação para os ensaios não poderia ser outra, seu quarto. Buscando a ideia do conforto, refúgio e da intimidade do João, nenhum outro lugar poderia falar tanto dele quanto o interior daquelas quatro paredes brancas. Sua cama, o chão e a cadeira da mesa de estudos, explorados nas imagens, em um apartamento que ele divide com a mãe na cidade mineira de Ipatinga.

Seja pelo desafio geralmente esperado da naturalidade frente à câmera ou, no caminho oposto, pela intimidade que temos um com o outro, não houve delongas na hora de se despir. Mesmo se tratando de um ensaio seminú, espera-se certa retração do modelo. Isso não aconteceu ali. As fotos ocorreram da maneira mais tranquila e fluida que pretendia ao momento. Eu vejo esse primeiro ensaio como um ponto fundamental de aprendizado, por isso, sempre reforço sua importância nesse trabalho como um todo.

Um ponto de aprendizado para ele, enquanto modelo nesse projeto e também enquanto pessoa, uma vez que, justo segundo o seu próprio, posar para mim o levou a pensar sobre várias coisas que permeiam a noção do que significa, de fato, ser homem. E para mim que, em 11 anos de experiência, nunca havia feito um ensaio seminú masculino, apenas feminino.

Eu aprendia enquanto fotografava. Extremamente diferente do que pensei que seria, vi ali, um desafio. Acreditava que por ter experiência como fotógrafo, mesmo se tratando de um tipo de ensaio ainda não clicado por mim, conseguiria realiza-lo com a mesma destreza da qual dispus para tantos outros ao longo desses anos. Ledo engano. Preocupado com o resultado, não me permiti enquanto fotógrafo, ousar um pouco mais no meu trabalho nesse primeiro ensaio. Mantive-me firme ao que eu sabia que funcionaria, fazendo fotos sem explorar diferentes ângulos e recortes, deixando esse ensaio, se assim é possível dizer, o mais “comum” dentre todos. Erro meu. Mas não tenho arrependimentos. Seja com o resultado que alcancei no

tratamento e edição dessas imagens, como na alegria e satisfação do João ao vê-las ali cruas, na tela da câmera, enquanto conversávamos sentados em sua cama, fez valer a pena. Foi graças àquelas fotos que senti que estava no caminho certo em relação ao que escolhi como trabalho final.

## 5.2 Nils Dehning

Sobre esse modelo, o que posso adiantar é que dificilmente conseguiria manter o padrão de pouco mais de uma lauda, a que me propus, porém, esforcei para que fosse o mais breve possível. Eu conheci o Nils em outubro de 2009. Nascido e criado na cidade de Achim, na Alemanha, estava há três meses fazendo intercâmbio em Catalão, cidade do interior de Goiás, onde nasci e cresci. Ficaria por mais sete. Esse nosso primeiro encontro aconteceu na casa de um amigo chamado Matheus, conhecido por todos e todas como Tião, e que, se não houvesse partido tão cedo e de maneira repentina, faria parte desse trabalho.

Sempre de muitas brincadeiras e piadas, Tião disse que havia encontrado meu irmão gringo, afinal, segundo o próprio, tanto eu quanto o Nils tínhamos um sotaque engraçado e um pouco parecido, quase como se ambos falassem outras línguas, quando comparadas nossas pronúncias de palavras com as pronúncias dos demais goianos. Mais uma vez Tião estava certo, ao menos, no que se referia à parte do irmão gringo.

Desde aquele momento, nos tornamos inseparáveis. A cada saída minha, ele estava. Aos finais de semana, dificilmente um não dormia na casa do outro. Passamos carnaval juntos. Viajamos juntos. Tivemos nossos primeiros amores e também nossas primeiras decepções. Seis anos após nos conhecermos, no dia 15 de janeiro de 2015, seu aniversário de 22 anos, eu tatuei em meu peito a palavra *freundschaft*. Significa amizade em alemão. A palavra foi escrita por ele enquanto estava sentado no sofá da minha antiga casa. Nils se tornou o irmão que meu pai e minha mãe nunca puderam me dar.

Voltou para a Alemanha em 2010. Retornou ao Brasil algumas vezes. Em uma delas para morar por um tempo enquanto terminava a graduação em Administração de Empresas. Já trouxe seu pai, sua mãe e irmã para conhecerem o país que ele tanto ama e, segundo ele, a família brasileira que aqui fez. Sua última vinda à passeio foi em janeiro de 2019, quando o ensaio aconteceu.

Quando o convidei, foi sem dúvidas o modelo mais entusiasmado. Para ser sincero, em alguns momentos Nils se mostrou (e ainda se mostra) mais empolgado com o projeto do que eu

mesmo. As fotos aconteceram no apartamento no qual ele estava hospedado. Nils já havia posado anteriormente, mas nada que envolvesse fotos sem camisa, quem dirá de cueca. Isso era algo que me preocupava. Por mais comunicativo e bem humorado que ele seja, ainda é uma pessoa extremamente fechada e, em alguns momentos, até introspectivo e tímido. De criação rígida, poucos são os que realmente o conhecem de verdade.

O despir-se foi tranquilo. As fotos começaram no quarto, quase como uma repetição do que eu havia feito com o João, meu primeiro modelo. Fotos explorando a cama, o canto da parede, a cadeira da mesa de estudos. As fotos estavam saindo como o previsto, mas senti que eu precisava tentar o diferente. De todos os modelos, Nils é o único que eu não teria a menor possibilidade de refazer as fotos devido aos quase 10 mil quilômetros que nos separam. Fomos para a cozinha, onde a luz que incidia pela janela era muito boa. Sentado no chão, de pernas encolhidas e envoltas pelo seu braço, ele olhou para a câmera e chorou. Nesse momento, eu me senti extremamente conectado a ele e acabei chorando também.

Mesmo que minha vontade fosse de desligar o equipamento e abraçá-lo, eu não podia. Ao invés disso, fotografei. Fiz o que havia me proposto e o resultado foi além do esperado. Aquele instante me tocou. Ao tratar as fotos, chorei novamente. Ao lembrar desse momento para escrevê-lo aqui, as lágrimas voltaram.

Não queria terminar o ensaio por ali. Senti que havia muito a ser explorado. Havíamos conseguido imprimir nas imagens um sentimento de angústia, mas eu queria mostrar que aquela angústia antecedia algo maior, a solidão. Surgiu então a ideia de finalizarmos o ensaio com fotos no banho. Sentado no chão do pequeno box, as lágrimas voltaram. Até pelo próprio espaço, os recortes das fotos foram um tanto quanto mais abruptos e enfáticos nesse novo conceito, como eu queria que fossem. Mas uma coisa ainda me incomodava nas imagens, ele estava de cueca.

Expliquei que minha intenção ali era construir uma cena com a maior verossimilhança possível e que ninguém acreditaria naquele momento, visto que não se toma banho usando roupas, ao menos não quando se está sozinho. Disse que poderíamos parar por ali se ele quisesse. E para a minha surpresa, fez questão de continuar. O alemão que antes só havia alguns trabalhos fotográficos para lojas de roupa em Catalão, durante seu período de intercâmbio, agora estava totalmente nu frente a uma câmera e o resultado foi ainda mais belo, triste, mas belo.

Como o próprio pontuou ao ver o ensaio finalizado e tratado, nem ele fazia ideia do quão triste e solitário conseguia ser. As fotos pareciam gritar, para ele, uma dor que não havia sido acessada anteriormente. Não sei se pela nossa conexão, pela amizade de uma década ou pela intensidade daquele momento onde só havia eu, ele e uma câmera entre nós, mas até hoje, meses depois do ensaio, aquelas fotos me causam um incômodo, algo diferente das demais.

Sinto certo desespero, uma sensação sufocante cada vez que as visito e, ao mesmo tempo, elas fazem com que eu me sinta um pouco mais próximo, fisicamente, dele. Todo trabalho marca de alguma forma, mas alguns, com certeza, não são esquecidos nem tão pouco, apagados de nós.

### 5.3 Maurício Campos

Dentre todos os modelos, esse é com certeza o que eu conheço há mais tempo. O irônico é que mesmo o conhecendo há tanto tempo, se mostra, sem sombra de dúvidas, o mais difícil de ser descrito nesse capítulo. Certa vez ouvi de um antigo professor de redação que tive no ensino médio, que, o mais difícil de todos os textos que possamos escrever, sempre será aquele em que precisamos falar de nós mesmos. Talvez seja isso. Talvez minha dificuldade se encontre por eu me reconhecer tanto nele e, nem sempre, querer admitir isso.

Dos mais diferentes homens com quem já conversei ou mesmo convivi, foi o primeiro que conheci e, graças a tudo o que tentou me ensinar, o motor principal que move meu trabalho. Posso dizer que meu pai é o causador da minha inquietação. Algo muito bom, dado o contexto da situação. Eu brinco que o conheço desde que me entendo por gente, já ele, sempre me contesta esta frase: “Quem disse que você já se entende por gente?”. Acho que pais, tanto quanto mães, têm essa mania de achar que os filhos não crescem nunca. Em sua concepção, podemos até saber um pouco sobre a vida, mas não tanto quanto eles. Ao menos, é assim que pensam os meus.

Meu pai, desde que sou muito novo, sempre me passou alguns ensinamentos. O homem protege e provém pela família. Cabe a ele (o homem) cuidar e não permitir que algo venha a faltar, afinal, homem não fraqueja e falhar nesse aspecto é sinônimo de ser fraco. Homem é sinônimo de rocha. É firme. Não sofre ou se sofre, não demonstra. Guarda pra si. Engole o choro e segue. Segue firme. Por anos durante minha infância e pré-adolescência esses ensinamentos me atravessavam e, quase como uma ordem dada por um superior dentro de um regime de quartel, eu me via na obrigação de cumpri-la.

Passados os anos, comecei a me questionar dos motivos que levaram meu pai a pensar daquela maneira. A resposta que obtive? “Porque é esse o certo”. Mas quem definiu o certo? E o que garante que, de fato, seja esse o melhor ensinamento? Foi quando cheguei onde queria. “Seu avô me ensinou assim, porque ele aprendeu assim e agora eu estou ensinando você”. Todo o discurso adotado ao longo de sua vida, nada mais era do que uma reprodução.

Tal maneira fundamentalista e irredutível de pensar sempre nos levou a longas discussões, principalmente na minha adolescência. Minha mãe, sempre como mediadora da

situação, soltava frases como “Não aguento mais ouvir a mesma falação sempre”. “Vocês discutem do tanto que discutem porque são iguais, dois ignorantes”. Minha mãe tinha razão. Somos, de fato, extremamente parecidos quando se trata de defender aquilo que acreditamos ser o correto.

Tudo era pretexto para que discussões e argumentações surgissem. Desde toda a problemática criada em cima do modelo adotado pelo meu pai, pelo meu avô e pelo meu bisavô, até mesmo coisas mais simples como algum objeto que estivesse sido deixado fora do lugar. Ao longo dos anos ele foi melhorando, pelo menos no que entendo como melhora, e sendo mais flexível, mas ainda assim, alguns hábitos antigos permanecem, o lado mais ignorante, apontado pela minha mãe em tantos momentos, é um deles.

Quando surgiu a ideia de ter ele como modelo, de imediato já sabia que seria inviável. Ele não aceitaria. De fato, infelizmente eu estava certo. Por mais que ele esteja presente como modelo nesse trabalho, não pensem que foi por livre e espontânea vontade. Dona Cleuza, minha mãe, teve uma participação fundamental no processo. Expliquei a ela toda a importância em relação à participação do meu pai. Ela, que preza por tudo que eu conclua a graduação no chamado tempo ideal, deu a cartada final. “O Bruno precisa que você esteja no TCC dele. Você vai fazer essas fotos sim!”.

Apesar de gostar de deter pra si o título de progenitor da casa, alicerce, o que sustenta e edifica o lar, na minha casa a palavra final sempre acaba sendo da minha mãe. Ele (meu pai) me enrolou durante todo o período de aproximadamente três meses de férias. Um dia antes da minha viagem, ele não pôde mais escapar. Mas foi bem categórico. “Eu aceitei fazer. Mas serão no meu horário de almoço. Você tem 20 minutos pra fazer seu trabalho”. E fiz. Fizemos as fotos em seu quarto. Todas foram tiradas na cama, presente de casamento que divide com a minha mãe há 31 anos. O curto prazo para sua realização e a nítida contrariedade dele em fazer aquilo, afetaram o trabalho, sem dúvidas. Entendo que não aconteceram de maneira fluida como foram as outras fotos, me limitando de maneira considerável, contudo, eram extremamente necessárias para este trabalho.

Surpreendentemente, com toda a “má vontade” em ser fotografado, seguiu muito bem as instruções de poses que eu passava a ele. Não as questionou e, depois de muito tempo, senti que estava, mesmo que por 20 minutos, dividindo um desses momentos pai e filho. Sua expressão mostra sinais do tempo. Linhas em seu rosto trazem a ideia de um olhar cansado, mas que ainda não se deu por vencido. O resultado daquelas fotos foi simples, e, afetos à parte, não senti que expressaram todo o sentimento e conceito que buscava e acredito ter alcançado com os demais modelos. Seus gestos ali eram duros. Uma movimentação tão rígida quanto aquele

homem que estava sem camiseta à minha frente.

Senti que precisaria refazer aquelas fotos, ter uma segunda conversa com ele, explicar a situação e o que precisava ser mudado. Entretanto, dessa vez nem mesmo minha mãe foi capaz de convencê-lo. Se eu o quisesse como modelo do meu livro, seria ali, com aquele material feito em 20 minutos, no seu quarto. Deixou claro que não pagaria minha volta para casa com o intuito de fotografá-lo e que mesmo que eu fosse não posaria para mim novamente. Segundo ele, seria um desperdício de tempo e dinheiro, pois ele era aquela pessoa e não conseguiria fazer diferente. O entendi e respeitei.

Em um contexto geral do produto, ele não teve a devida leveza que os outros tiveram, seja pela relutância em ser fotografado ou mesmo pela inexperiência frente à câmera. Meu pai, como ele mesmo brinca, é um “soldado pré-moldado que só aprende sobre ferramentas e trabalho, sem aptidão para a tecnologia”. Mas ainda sim, considero suas fotos, mesmo que não tão expressivas, como um trabalho cru, e eu sempre vi beleza nesse tipo de imagem. É, foi um trabalho bonito, porém, perde em muito em termos de beleza e sentimento, na minha humilde opinião, para o que ele me disse quando terminamos: “Eu espero que tenham ficado boas, o pai sente muito orgulho de você e do seu trabalho. Faz uma boa viagem e volta formado, em!” E com um abraço mais longo que o de costume, nos despedimos. Até breve.

#### **5.4 Guilherme Furutani**

O diminuto quarto no qual dorme se contrastava com seus quase dois metros de altura. Tentei entender, à primeira instância, como era possível para alguém daquele tamanho transitar tão tranquilamente naquele espaço. Guilherme recebeu esse nome ao nascer, mas desde que se mudou primeiramente para Ouro Preto e depois para Mariana, a grande maioria o conhece como Clark, e, se me permitido for, é assim que irei chamá-lo aqui.

O apelido foi dado por um de seus ex colegas de casa. Fazendo referência ao jornalista que também é o Homem de Aço, foi um apelido pensado pela graduação escolhida por ele. Por mais que não tenha sido pensado desta maneira, considero um apelido que veio bem a calhar. Infelizmente não posso aqui falar por todos e todas que o conhecem, mas para mim, em inúmeros momentos Clark assumiu esse papel de super herói. Me salvando de situações que, se postas aqui, preencheriam boas laudas deste capítulo mas são pessoais demais para tal.

Clark foi um dos primeiros amigos que fiz quando ingressei no curso de jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto. Ambos morávamos em repúblicas particulares na cidade de Ouro Preto e nossas casas eram próximas. Por essa proximidade e por sermos da mesma sala de

aula, pegávamos o mesmo ônibus para ir e vir da faculdade. Ao contrário do que aconteceu com outros amigos que fiz na minha turma, nossa amizade não surgiu nas cadeiras da classe ou nos corredores da faculdade e sim, na estrada, sentados naqueles bancos de ônibus, conversando durante os 40 minutos de trajeto.

Nunca foi de muitas palavras e difícil dizer quantos realmente o conhecem. Arrisco-me a falar que é possível conta-los e conta-las nos dedos das mãos sem que haja repetição de nenhum membro. Por sorte, sou um deles. Clark não é muito de falar, como já pontuei, mas ouve como ninguém. É calmo, mas não o tirem do sério. É paciente e leva a vida em um ritmo mais lento, duas coisas que com certeza não compõem minhas características pessoais. Essa é a segunda vez que ele posa para mim. A primeira, ainda em 2016, foi para um trabalho da disciplina de fotojornalismo cuja proposta era extremamente semelhante à deste, inclusive, serviu de base para o amadurecimento da ideia até que chegasse aqui, nesse resultado final.

Sabendo de como seriam as fotos, aceitou sem muito pensar. Clark é desses amigos que jamais se nega quando o outro precisa. As fotos começaram em sua cama e o seu hábito de ser um bom ouvinte veio muito a calhar. Ouviu cada uma das minhas direções de pose e as cumpriu exatamente como o planejado. Durante o ensaio, fui surpreendido. O quarto que já era pequeno por si só, não era apenas dele. Uma criaturinha de pelagem branca e olhos azuis pulou em cima do meu pé, como predador atacando sua presa. Nina Simone. Resgatada por ele de uma lixeira onde fora abandonada.

Nina subiu à cama e Clark começou a brincar com ela. Por um momento ele se esqueceu que estava sendo fotografado e toda sua atenção se voltou para a Nina. Prossegui com meus cliques e ali percebi que seu capítulo não poderia ter apenas fotos dele. Ela precisava aparecer. Entendi que a importância que a Nina tinha para o meu amigo e juntamente com o cigarro, uma cerveja gelada, acompanhado ou não, um bom filme e alguns livros, compunha um conjunto de coisas que o aliviam dos estresses do cotidiano, mesmo que por um curto espaço e tempo. Nina esgueirou-se para debaixo da cama e quase que com um estalo, ele voltou a posar. Não tínhamos muito espaço para explorar, mas toda sua entrega estava no olhar.

Conversávamos a respeito do futuro e dos nossos trabalhos de conclusão de curso, quando me perguntou se poderia acender um cigarro. Sei que aquilo o acalma, concordei. Entre um trago e outro e meia dúzia de palavras que saíam de sua boca juntamente com a fumaça prosseguimos com o ensaio. Eu já não sentia mais que estava fotografando um amigo, sentia-me como se estivesse ali em uma tarde de conversa e as fotos fossem um complemento daquele momento. Senti-me fazendo parte da rotina, do cotidiano dele e então deixei que prosseguisse assim. Diminuí meu ritmo de direção e ele agora se guiava em poses e prosa. E que bom que

permiti isso, acredito eu, que se não fosse pela naturalidade do momento, não teria chegado a um resultado que me deixasse assim, tão contente e satisfeito.

## 5.5 Julio Mourão

De todos os homens convidados a posarem para mim nesse projeto, esse é o que conheço há menos tempo, o que, acreditem, não altera em nada seu peso e importância. Foi nas ruas de pedra, cercadas por uma arquitetura barroca, na cidade de Ouro Preto, que nosso convívio começou. O recém-chegado estudante de artes cênicas carregava com sigilo na mala muito mais do que suas roupas e pertences. Havia ali, ambições e curiosidades sobre o que a universidade poderia reservar. Falava comigo a respeito de sua preferência pela música clássica, os espetáculos de teatro, literatura e sobre as mais diversas obras de arte que confesso não me lembrar de nenhuma.

Julio é um menino calmo, pacato e que odeia brigas. Tem uma inocência e uma pureza no olhar que afirmo nunca ter encontrado em nenhuma das tantas pessoas que já cruzaram meu caminho. É generoso, amoroso e tem um abraço que faz a gente se sentir em casa de tão acolhedor que é. Extremamente emotivo, chora até mesmo enquanto assiste desenhos animados. É responsável, porém extremamente esquecido. Constantemente preciso fazer o papel de secretário e avisá-lo sobre algumas coisas. Nunca deixa de fazer nada, mas tem o hábito de deixar sempre para a última hora.

Não é muito de sair, prefere o conforto de casa. Não costuma beber e quando sai, quase sempre quer ir embora mais cedo. Não é o maior fã de viagens longas e tem um senso de organização um tanto quanto duvidoso a meu ver. Deixa-se levar muito mais pela emoção do que pela razão. Romântico incurável, em praticamente todos os pontos e características se difere de mim. Dois opostos. Opostos que, seja por graça do destino ou ironia da vida, acabaram sendo deveras complementares.

Já o fotografei outras inúmeras vezes. Desde há primeira semana em que nos conhecemos, tem sido meu mais recorrente modelo. É extremamente fotogênico e devido a intimidade que temos, imaginei que as fotos para este trabalho seriam fáceis de fazer, sem uma adversidade que fosse. Ao começar os cliques, dirigi como deveria sentar-se à cama, a posição de sua cabeça e expliquei o que eu gostaria, se fosse possível, que ele me entregasse no olhar. Fiz algumas fotos. Pedi que trocasse de pose, fizemos outras.

Não sei bem dizer o motivo, mas parece que eu não me sentia conectado ao resultado. Em todas as outras sessões fotográficas para o fotolivro, sentia uma ligação com o trabalho,

naquele momento, não. Decidi então por dar a sessão por encerrada. Expliquei que não estava fluindo como eu gostaria e perguntei se havia algo de errado. Ele estava desconfortável. Também não sabia me explicar com exatidão o porquê, mas estava. O acalmei e disse que não precisávamos continuar e que estava tudo bem e que não havia problema nenhum em sentir-se daquele jeito, que jamais daria continuidade a um ensaio em que o modelo não estivesse bem com a situação.

Sentei-me ao lado dele e tentei puxar conversa sobre outros assuntos. Ele me olhou e disse que gostaria de tentar de novo. Perguntei se tinha certeza daquilo e a resposta foi positiva. Tentamos. E mais do que apenas tentar, conseguimos. Ele conseguiu. A emoção ali acessada naquele momento, para mim, assemelhasse muito com a que vivi meses antes ao fotografar o Nils. A forma como ele me olhava e mais do que isso, a maneira como seus olhos conversavam comigo e me atravessavam fazia com que eu me sentisse cortado. Novamente senti vontade de chorar durante um ensaio.

Aspirante a ator, ali não havia um estudante de artes cênicas, um filho, um irmão, um namorado, um primo, um amigo. Ali, bem na minha frente, sentia como se estivesse encarando um Julio cru, em sua mais pura essência. Eu, que diferente dele não sou tão emotivo, me vi em seu lugar. Fizemos fotos nas quais ele posava no parapeito da janela, na cama, no chão. Em cada uma daquelas imagens eu podia sentir minimamente a emoção que ele estava sentindo. Logo o ensaio foi encerrado. Não cheguei ao resultado que esperava, eu o superei. A entrega do Julio superou.

Ao conversarmos sobre as fotos, percebi um tom de insegurança em sua voz. Perguntou-me se havia sido um bom modelo e se não teria, em palavras ditas por ele, arruinado meu trabalho. Acredito que o resultado fale por si só. Essas fotos causaram para mim, enquanto autor do trabalho, muitos sentimentos e sensações e a de ruína com certeza não foi uma delas. Por fim, entendi que aquele ensaio era só mais uma, das tantas provas, de que quando deixamos a nossa ligação fluir, não há possibilidade de falhas ou espaço para arruinamentos.

## **5.6 Fábio Augusto Carvalho**

Sempre ouvi, dentre tantos conselhos que Dona Cleuza, minha amada mãe, me deu, que só conhecemos alguém, verdadeiramente, após convivermos com essa pessoa. Pois bem, se isso for mesmo verdade, (acredito que seja) eu conheço o Fábio muito bem. Assim como o Clark, Fábio também é da mesma turma de graduação que eu. Entrou algumas semanas depois de mim, não sentávamos perto um do outro e nada eu sabia sobre ele. Nos seis primeiros meses de

faculdade, os quais morei em Ouro Preto, quase não conversava com meus colegas de turma que moravam em Mariana, Fábio era um deles.

Findado o primeiro período, decidi sair da casa na qual morava e me mudar para Mariana. A praticidade de morar na cidade na qual você estuda é um fator decisivo no seu desempenho acadêmico, pelo menos foi para mim. Achado um apartamento em frente ao lugar no qual estudava, não poderia ser melhor. Todos os detalhes da mudança foram acertados à distância, devido ao período de férias. Ficou combinado então que o maior quarto seria o meu, porém, eu precisaria dividi-lo. Tudo bem, para quem dividia um quarto não muito espaçoso com mais duas pessoas na antiga casa, dividir um quarto de tamanho generoso com mais um não seria nenhum problema.

Eis então que o Fábio surgiu na história. Seria ele meu colega de quarto. Nos primeiros períodos da faculdade, por não gostar muito de Mariana (não que hoje eu morra de amores) eu estendia ao máximo o tempo de férias. Para esse segundo período, cheguei com quase três semanas de atraso. O quarto estava montado, Fábio já estava morando aqui. Nosso começo foi um pouco complicado. Fábio é muito tímido e eu, muito fechado. Entrávamos mudos e saíamos calados de dentro do quarto nas primeiras semanas. Fomos aos poucos nos conhecendo. Sabendo sobre o gosto musical do outro, o que fazíamos no tempo livre, quais eram nossas amizades e, para minha surpresa, muitos desses gostos e preferências eram iguais ou muito parecidos.

Não sei com exatidão dizer com quanto tempo de convivência eu pude perceber isso, mas quando me dei conta, Fábio havia se tornado alguém indispensável. Eu estranhava quando fazia alguma viagem de lazer ou mesmo quando voltava para a casa dos meus pais em Goiás e ele não estava no mesmo quarto que eu. Ou até mesmo quando ele viajava para casa e eu precisava esperar até a próxima segunda feira para lhe contar a respeito do meu final de semana.

Somos aquele tipo de amigo que faz programas extremamente cotidianos. Raras às vezes em que saímos para um bar ou festa. Temos o hábito de ir ao supermercado juntos, à padaria, ao banco. Quando um precisa resolver algo na rua, chama o outro. Se um não está em casa, o outro espera. Criamos esse hábito de não sairmos sozinhos e, pelo menos para mim, não acho tão engraçado quando ele não está. Contamos tudo um para o outro, desde coisas extremamente pessoais, como assuntos mais corriqueiros, igual nossas escolhas de produto para o trabalho de conclusão de curso.

Quando contei para o Fábio o que decidi fazer, a notícia veio acompanhada de um convite. Gostaria muito que ele fizesse parte desse projeto. Ele não aceitou a princípio. O chamei mais algumas duas ou três vezes e novamente a resposta foi negativa. Prestes há encerrar

o tempo que estipulei para a realização das fotos, tentei arriscar mais uma vez. Ao ver o material que já havia produzido, surpreendentemente, ele aceitou. Foi então que nosso ensaio aconteceu.

Inibido, seja pela timidez ou pelas inseguranças que carrega consigo em relação ao seu próprio corpo, tivemos um começo um tanto quanto duro e difícil. As primeiras fotos saíram extremamente mecânicas, sem expressão. Conforme eu as ia mostrando para ele, ficava nítido seu descontentamento com o que via na câmera. Fábio é um exímio fotógrafo, meu favorito, diga-se de passagem, e por admirar tanto seu trabalho, para além da sua pessoa, me senti incumbido a que ele gostasse de alguma imagem. Uma só, que fosse.

Após direção da minha parte, com alguns resultados que eu já havia gostado bastante, consegui fazer uma foto que deixasse ele feliz. Junto com o sentimento de vitória que me tomou, surgiu ali também uma satisfação da parte dele. Essa satisfação gerou ombros mais soltos, um olhar mais profundo, braços menos rígidos e mãos menos tencionadas. Houve a partir daquele momento, uma entrega dele. O Fábio que é tão bom atrás das lentes se mostrou igualmente bom frente elas, chegando ao ponto até, de ele mesmo, sugerir algumas poses que pudessem colaborar para que eu fizesse boas capturas.

Sempre apontava seu corpo como uma problemática nas fotos. Dizia não se sentir bem com ele, apesar de eu e todos e todas que o cercam, tentarmos mostrar que não havia nada de errado ali. Não só entendo o que ele sente como o respeito, inseguranças não desaparecem da noite para o dia. Brinco que ele foi o modelo mais privilegiado de todo o trabalho, uma vez que foi o único a participar de todo o processo do capítulo que leva seu nome. Acompanhou as fotos enquanto modelo, participou da seleção das imagens que eu considere as melhores, pontuou quais gostava e quais não, presenciou o pós-tratamento da imagem, acompanhou a diagramação, uma vez que a diagramadora do fotolivro também mora com a gente, viu cada escolha feita para construção de sua narrativa e por fim, assim como eu, saiu extremamente feliz e satisfeito com o resultado.

Acredito que essa participação do Fábio ao longo do processo tem seu impacto refletido nas escolhas de imagens a compor seu capítulo. Sem muitos detalhes, por questões que me foram pedidas a não ser comentadas, o capítulo em questão apresenta uma leve diferença em relação aos demais uma vez que possui, majoritariamente, fotos cujo enquadramento mostram mais do rosto, de seu olhar e poucas em que o corpo se faz presente. Não desmereço em momento algum o resultado obtido, considero muito mais importante respeitar as limitações de um amigo do que colocar ali imagens que eu considere que mais “fortes”. Porém, carecia aqui, um relato, mesmo que breve, do efeito que isso teve para o produto.

Eu aprendo com o Fábio todos os dias. Seja profissionalmente quando ele me socorre em alguma dúvida de captação ou mesmo no lado pessoal, onde me ensina, mesmo que sem saber, a ser uma pessoa como ele. Alguém mais tranquilo, alegre, que acredita no lado bom das pessoas e das situações que surgem ao longo da vida. No dia do nosso ensaio não foi diferente. Ele me ensinou que quando se confia verdadeiramente em alguém, em certos momentos, a insegurança fica para trás e nós nos jogamos. E exatamente aí, nessa “queda livre” que a entrega resulta em algo bonito de ser. E a mim, enquanto autor deste projeto e amigo, só pude agradecer por deixar que eu percebesse que eu sou digno dessa confiança. Não haveria possibilidade melhor para o encerramento das fotografias do que com quem me acompanha e me ajuda em todos os demais processos. Muito obrigado.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a produção do trabalho, tanto das fotografias quanto da parte teórica, entendi alguns aspectos a respeito do peso que este estudo tem. Como foi escrito por Thais Chaves, estagiária de jornalismo, em uma de suas matérias para o site da revista Carta Capital, e publicada em 13 de junho de 2019, Tales Mistura, um psicanalista, mestre em Saúde Pública, diz que “poucos são os materiais que discutem teoricamente a respeito da masculinidade e de tudo que permeia este campo, mesmo com o aumento da produção de estudos sobre Teoria de Gênero”. (MISTURA, 2019)

Não acredito que meu trabalho resolva alguma problemática causada pelo machismo e por uma perpetuação tão severa de padrões impostos pela masculinidade hegemônica, mas, ao fazer com que pelo menos um homem possa ponderar melhor a respeito de suas atitudes, de como ele se porta em sociedade e quais as “heranças” que carrega consigo de uma criação patriarcal, considero que tenha atingido meu objetivo.

Ao conversar com os modelos e vendo suas respostas para a minha pergunta a respeito de como se sentiram, tive algumas percepções sobre o contexto em que eles estão inseridos nesse campo da masculinidade. Ali, naqueles diálogos, poucos foram os que falaram realmente de seus sentimentos, de como aquilo os afetou. Entretanto, em grande maioria, pontuaram sobre a ideia de estarem posando para mim. Aquelas respostas, me colocam, mesmo não sendo nem de longe da minha vontade ou ação, quase em uma relação de dominante e dominado. – posavam para mim, preocupavam-se se estavam atendendo a meus interesses, ao menos no que falaram. Para muito além do seu próprio sentir, a preocupação de quase todos ali era em cumprir as expectativas que eu tinha em relação ao trabalho.

Veja bem, em momento algum peço que seja relatado por eles como se sentiram ao posar para mim enquanto fotógrafo, pergunto a respeito de seus sentimentos e impressões durante o trabalho. Porém, ao fugirem ou não se atentarem à pergunta focada neles, mesmo que involuntariamente, me colocando como o foco de suas respostas, entendo o que falam como um possível reflexo dessa masculinidade hegemônica na qual todos estão inseridos, e a ela submetidos, subjugados. Mesmo em um ambiente de extrema intimidade, entre pessoas que se conhecem e trocam confidências há muitos anos, e cuja proposta foi explicada para eles, antes mesmo das fotografias acontecerem, ainda parece-me haver entraves ao falar de si, do seu próprio sentir, ao menos neste lugar do desnudamento das masculinidades subordinadas.

Coagidos desde sempre a se portar como um modelo correto de “ser homem”, os fotografados parecem reproduzir esse ensinamento de que demonstrar o que se sente é errado, se

fora do estereótipo do macho. Mesmo estando seminus em suas fotos frente a outro homem que tem intimidade com todos, falar de si para mim ou, para todos e todas que lerão estes depoimentos, (não sei, com precisão, ou para quem ou o que de fato olhavam, neste momento da produção fotográfica), parece algo extremamente difícil.

Tenho um grande círculo de amizades masculinas e nele percebo atitudes nas quais essa reprodução de conduta fica extremamente clara. Ao nos reunirmos, quase nunca falamos, em profundidade e liberdade plenas, a respeito do que sentimos. Falamos a respeito de festas, pessoas com as quais nos relacionamos, episódios engraçados que passamos juntos, mas quase nunca sobre nossos sentimentos e intimidades. É algo tão enraizado na criação da maioria dos homens, que só depois de iniciar este estudo que percebi que eu também fazia e faço isso. Eu também, quando junto de outros homens, em nada colaborava para que o assunto tomasse outros rumos visando a partilha de emoções e intimidades que, percebo hoje, sendo tão necessárias para nossa construção ou desconstrução em sociedade.

Entender a necessidade desse tipo de diálogo é, sobretudo, entender também os acontecimentos que o antecedem e que foram falados ao longo deste trabalho. Entender como se sucede essa perpetuação de um discurso machista, hegemônico e opressor e, mais do que isso, entender a importância da ruptura desses conceitos, dessas regras de conduta, dessas opressões. Assim, por outro lado, ao pedir que aqueles homens acionassem em sua intimidade sentimentos que os levassem a transparecer certa tristeza e melancolia, percebo que o movimento se deu também comigo e que, durante aquele tempo de cada ensaio, entramos em uma troca.

Criou-se ali, então, uma brecha para um momento de partilha, mesmo que silenciosa no que tange a oralidade. Um momento onde, apesar que em poucas ou nenhuma palavra, alguns sentimentos são acessados e, ao contrário da maior parte do tempo no mundo social, explicitados. Mesmo que não intencionalmente, percebo hoje, ao concluir este estudo, o quão significativo e forte foram aqueles instantes. O peso que isso carrega e a reflexão que isso traz. Percebo melhor agora que, mesmo em uma tentativa constante de desconstrução e desprendimento destas amarras sociais impostas pela masculinidade hegemônica, em inúmeros momentos, me deixo levar em “piloto automático” e acabo reproduzindo aquilo a que faço críticas.

“Meninos (Não) Choram” ao contrário do que imaginei de início, não me trouxe tantas respostas, contudo, me gerou uma série de questionamentos. E é de extrema satisfação pessoal que o tenha feito. Espero agora, e torço fielmente, para que não tenha sido o único a pensar um pouco melhor a respeito do papel do masculino em seu contexto social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANITTA diz que abusada do photoshop e ironiza plásticas: reformei cara na vida real. **Extra**. 20 de julho de 2016. Famosos. Disponível em < <https://extra.globo.com/famosos/anitta-diz-que-abusava-do-photoshop-ironiza-plasticas-reformei-cara-na-vida-real-rv1-1-19751081.html>> Acesso em: 11 de abril de 2019.

BAUBÉROT, Arnaud. **Não se nasce viril, torna-se viril**. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Ed.) História da Virilidade – Volume 3: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013, p.189-220.

BERGER, Peter; ZIJDERVELD, Anton. **Em favor da dúvida: Como ter convicções sem se tornar um fanático**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

BISPO, André Carlos de Araújo. **Nudus Magazine**. 4. ed. Brasília: Projeto Independente, 2017.

BISPO, André Carlos de Araújo. **Nudus Magazine**. 5. ed. Brasília: Projeto Independente, 2018.

BISPO, André Carlos de Araújo. **Nudus Magazine**. 6. ed. Brasília: Projeto Independente, 2018.

CHAVES, Thais. Machistas em tratamento. Os homens que combatem a masculinidade tóxica. **Carta Capital**. 13 de junho de 2019. Diversidade. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/machistas-em-tratamento-os-homens-que-combatem-a-masculinidade-toxica/>> Acesso em: 19 de junho de 2019.

DIFERENÇAS Entre Fotografia e Retrato. **Câmera Neon**. Disponível em: <<http://cameraneon.com/tenha-em-mente/diferencas-entre-fotografia-e-retrato/>> Acesso em: 02 de junho de 2019.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT; James. **Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito**, Revista Estudos Feministas, 2013.

DICIONÁRIO Informal. **Machismo**. Disponível em <<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/machismo/5077/>> Acesso em: 02 de abril de 2019.

DIVERSIDADE, USP. **O que é LGBTQIA**. Disponível em: <<http://prceu.usp.br/uspdiversidade/lgbtqia/o-que-e-lgbtqia/>> Acesso em: 13 de nov. de 2018.

ESPM. Centro de Fotografia. **A excentricidade inventiva de Félix Nadar (1820 - 1910)**. Disponível em: < <http://foto.espm.br/index.php/sem-categoria/a-excentricidade-inventiva-de-felix-nadar-1820-1910/>> Acesso em: 30 de abril de 2019.

FABRIS, Annateresa. **Identidades Virtuais – Uma Leitura do Retrato Fotográfico**. Ed. UFMG. Belo Horizonte, 2004.

FERNANDEZ, Horácio. **Fotolivros latino-americanos**. Cosac Naify, 2011.

FOSTER, David W. **Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividad en la literatura latinoamericana**. Letras: literatura e autoritarismo, Santa Maria, n. 22, jan./jun.

2001.

GHILARDI-LUCENA, Maria Inês. **Gênero e representações sociais na mídia: O corpo masculino**. V. 1, n. 1, 2012.

GHOSN, Alef Michel Mastangelo Hassan. **Mastangelox Zine**. 1ª ed. São Paulo: Projeto Independente, 2018.

GOLDENBERG, Mirian. **O Corpo Como Capital: Para Compreender A Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro, v.2, n.2, julho/dezembro, 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/download/9083/7213>> Acesso em: 01 de maio de 2019.

KOLINSKI MACHADO, F. V. **Homens que se veem: Masculinidades em Junior e em Men's Health Portugal**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, Programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, 2017.

MONITOR da violência. **Feminicídios no Brasil. G1**. Publicado em 7 de março de 2018. Atualizado em 8 de março de 2019. Disponível em <<http://especiais.g1.globo.com/monitor-da-violencia/2018/femicidios-no-brasil/>> Acesso em: 26 de julho de 2019.

NU Quarto 36. **Instagram**. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/nuquarto36/>> Acesso em: 11 de abril de 2019.

PROJETO Individual. **Instagram**. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/projetoindividual/>> Acesso em: 11 de abril de 2019.

PROJETO Desnu.de. **Instagram**. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/desnu.de/>> Acesso em: 11 de abril de 2019.

PROJETO Vizine. **Instagram**. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/projetovizine/>> Acesso em: 11 de abril de 2019.

PRODUTOS. **Adobe**. Catálogo. Disponível em <<https://www.adobe.com/br/products/catalog.html>> Acesso em: 04 de junho de 2019.

SHIMODA, Flávio. **Imagem fotográfica**. Campinas, SP: Alínea, 2009.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia: O heroísmo da visão**. Companhia das Letras. Maio, 1997.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia, perda e permanência**. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

GAME of Thrones. **Wikipédia**. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Game\\_of\\_Thrones](https://pt.wikipedia.org/wiki/Game_of_Thrones)> Acesso em: 25 de junho de 2019.

WIKIPÉDIA. **Rambo**. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Rambo/>> Acesso em: 13 de novembro de 2018.

WIKIPÉDIA. **Super-man**. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Superman>> Acesso

em: 13 de novembro de 2018.